



SPIN-OFF DA
TRILOGIA
PROTETORES

ESPERE-ME *Acordada*

O CONTO DE NICO E SOPHI

A N N E M A R C K

ESPERE-ME

Acordada

ANNE MARCK
2017

Copyright © 2017 Anne Marck

Capa: LS Design

Revisão: Kátia Regina Souza

Leitura Final e Diagramação digital : Denília Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Espere-me Acordada

Anne Marck
1ª Edição

Agosto— 2017

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Apresentação](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a próxima publicação](#)

[Recadinho da Autora](#)

Sinopse



Nicholas e Sophia têm um passado doloroso juntos. Ela era a menina pobre, ingênua e apaixonada. Ele, jovem herdeiro de uma das mais tradicionais famílias da inescrupulosa máfia italiana. A maldade os separou e causou danos profundos. Sophia foi gravemente ferida e Nico fez uma escolha: não acreditar nela. Os anos se passaram, ele assumiu os instintos de seu sangue e se tornou um homem perigoso, temido por todos. Sophia decidiu transformar sua dor em ajuda ao próximo, trabalhando como assistente social numa região hostil da cidade. Contudo, o tempo não conseguiu amortizar a dor, a mágoa... e o amor.

Apresentação



Nicholas e Sophia nos foram apresentados em “DOM”, primeiro livro da trilogia Protetores. Naquele livro, conhecemos um pouco da história deste casal, que se permitiu dominar pela mágoa profundamente enraizada em ambos. Ela, uma mulher altruísta, canalizou sua dor para ajudar o próximo, trabalhando como assistente social. Ele, um homem alheio de emoções deixou-se sucumbir à raiva e à sede de vingança. A família Salvatore os separou de maneira cruel. Nicholas foi traído por todos em quem acreditava, e Sophia nem sequer teve direito ao benefício da dúvida por parte do homem que amava.

Não há volta para tamanha dor. O passado não se

apaga no simples deslizar de uma borracha sobre o papel escrito a lápis.

Mas essa história merecia um desfecho. *Eles* mereciam um desfecho.

A pedido dos leitores, eis aqui a breve narrativa de amor e mágoa entre Nico e Sophi, no conto Espere-me Acordada.

Dedicatória



*A JP pelo amor e
cumplicidade, por compreender
minhas noites mal dormidas
dedicadas à inspiração. E por me*

inspirar.

Prólogo



SOPHIA

Cinco anos antes

Nico se senta à beira da cama recém-comprada, em nosso quarto na casa alugada há menos de um mês – no dia em que descobrimos a minha gravidez. Suas costas cobertas de suor e o cheiro de sexo no ar revelam a atividade que tomou conta de nossa madrugada e da manhã de hoje. Comigo e Nico, nenhuma quantia de tempo parecia ser suficiente.

Eu amo este homem. Eu o amo completamente.

Estamos juntos há quase três anos. Nicholas é meu protetor, meu herói. É a pessoa que entrou em minha vida transformando tudo, e em quem confio de olhos fechados. Meu primeiro e único homem. Juntos, construiremos uma família de verdade, coisa que eu nunca tive, enviada de lar em lar provisório desde que nasci.

Ao observar o perfil de Nico, noto um pulsar discreto do músculo de sua face, em sinal de preocupação.

— Está tudo bem, amor? — indago, ainda preguiçosamente rouca.

Seu olhar, de um tom cinza semelhante à cor do céu em dias nublados, encontra o meu. Isso basta para eu entender que algo sério ocupa sua mente.

— Meu pai me chamou para uma conversa esta noite, Sophi — embora sóbria, a voz dele não deixa de ser repleta de zelo, como sempre costuma me tratar.

A informação me faz respirar com pesar.

Moretti Salvatore não aprova nosso relacionamento. Nunca aprovou, por me considerar indigna de seu filho. Em todas as oportunidades possíveis, me acusou de ser uma “negrinha interesseira”. Como eu já esperava, a notícia da gravidez não foi muito bem recebida. Soma-se a isso, a

decisão de morarmos juntos e temos, assim, minha total rejeição e o desagrado evidente do clã de italianos.

Ajoelho-me sobre a cama e me aconchego contra as costas nuas de Nico. Abraçando seu peito firme, planto um beijo em seu ombro.

— Tudo vai ficar bem — descanso meu queixo na curva do pescoço dele, falando com suavidade — Seu pai logo aceitará a nossa criança.

Meu otimismo é enganoso. Estou certa de que choverá ouro em pó antes daquele homem aceitar um neto vindo de uma negra pobre e sem família.

Hábil, Nico me desenrosca de seu corpo e puxa-me para si. Quando percebo, estou deitada em seu colo, nua. Sinto seu olhar penetrante fixado em mim, de uma maneira capaz de me arrancar o fôlego. Essa intensidade foi um dos motivos que me levou a amá-lo.

— Eu vou ver o que ele quer, mas não me demoro — seu dedo percorre vagaroso o vão entre meus seios — E quando voltar, quero te encontrar exatamente assim, bella, nua em nossa cama e pronta pra mim.

Antes mesmo que possa me preparar, sua boca busca a minha, consumindo qualquer outro pensamento. Fico sem fôlego, sem pudores e entregue. Sempre foi assim. A química entre nós é intensa, como uma corrente elétrica.

Nicholas é meu homem. O pai do filho que espero.

Depois de me deixar amolecida em seus braços, ele afasta a cabeça para me observar, contemplativo, parecendo tentar registrar todos os detalhes do meu rosto em sua mente. Nunca fui olhada da maneira como ele me olha. Nico me faz sentir especial; como se eu fosse o eixo central de seu universo.

— Nós ainda não inauguramos devidamente esta cama, Sophi — o aviso em tom grave é tão sensual, tão cheio de promessas, que mais uma vez me umedeço pelo desejo.

Prendo o lábio inferior entre os dentes, lutando contra a vontade de pedir que não vá. Em vez disso, opto por provocá-lo também.

— Aguardarei ansiosa, meu italiano.

Ele sorri. Lindo, absolutamente lindo.

— Espere-me acordada, Sophi.

“Espere-me acordada”. Esta foi a última frase que ouvi de Nico, antes de meu coração e corpo serem feridos de forma irreversível

Capítulo 01



SOPHIA

Atualmente

O céu estrelado começa a ser ocultado pela baixa e densa nuvem de fumaça pairando sobre nossas cabeças. Mal posso respirar ou pensar com clareza, tomada pela adrenalina que flui veloz por meu organismo, quase na mesma intensidade do pavor acumulado diante de tudo que vi. Meu coração parece receber a fúria de um leão; agitado, choca-se contra o peito, fazendo-me saber que

este dia ficará marcado para sempre em minha memória. Acho... Acho que nunca serei capaz de esquecer.

Abraço o menino frágil junto a mim, bem apertado. Eu nem mesmo sei como consegui tirá-lo vivo de lá. Baixo meus olhos para fitar seu rosto e o encontro banhado de lágrimas perdidas em meio a um semblante apático. Por um instante, fico confusa e, só então, me dou conta de que as lágrimas não são dele, são minhas. O garotinho não emite reação alguma. Está em choque.

Já tive de lidar com muitas situações ruins em minha profissão. Acompanhei crianças em circunstâncias degradantes, porém nenhuma delas foi pior do que a vivida por este menino.

Eu tenho que ser forte para ajudá-lo, mentalizo, obrigando-me a seguir adiante.

— Senhora? — um oficial de uniforme se aproxima de nós — Vocês não podem permanecer nesta área.

Leio seu nome bordado ao lado direito do peito. Sargento Philipe.

— E-eu... Ele... — olho para o garoto inerte em meu colo — Eu me chamo Sophia, sou assistente social.

— Vocês estavam na casa?

Engulo minha pouca saliva em seco.

— Os vizinhos me chamaram... Eu fui designada a assistir esta família a pedido da juíza McEvan — sibilo,

sem ter certeza de que o sujeito pôde ouvir.

Avaliando a situação, o sargento se move em direção à viatura, pega uma manta fina e a coloca sobre meus ombros; ela cai protegendo o menino. O oficial diz qualquer coisa, mas não consigo prestar atenção. Tremendo de uma maneira que não posso controlar, afasto-me quase sem forças nas pernas e caminho com a criança em meu colo para nos distanciar do calor das labaredas.

Nem acredito no que aconteceu. Foi como uma cena do pior filme de terror do mundo. Há somente um *único* momento de minha vida que poderia ser comparado à noite de hoje...

— Sophia — ouço uma voz grossa e imponente chamar às minhas costas.

Tão familiar.

Tão *dolorosamente* familiar.

O reconhecimento, no mesmo segundo, eriça os pelos de minha nuca. Não... Não pode ser. *Por favor, não esta noite.*

Dou alguns passos apressados, fingindo que não é real. *Ele não está aqui, não está*, recito mentalmente.

Para a decepção de minha vontade, antes de conseguir me afastar uma mão apanha meu braço interceptando a fuga, e sou girada abruptamente para

enfrentar o homem que não desejo perto de mim. Não mais. Um dia, num lugar remoto do passado, já quis, com todas as minhas forças. Eu o amei cegamente. *Este foi o meu grande, grande, erro.*

Encaro seus olhos acinzentados e tenho de prender a respiração para driblar a náusea que revira meu estômago em nós. Anos se passaram, no entanto, a dor ainda é tão presente que quase posso tocá-la, em sua presença sinto-a comprimindo cada pequeno pedaço do meu corpo, como se estivesse fresca na pele. E eu odeio essa parte de mim que ainda se permite atingir.

— O que você está fazendo aqui, Nicholas? — me esforço para demonstrar indiferença; falho, vulnerável por tudo o que presenciei nesta noite.

Seu olhar perspicaz, como o de um falcão em tempo de caça, dança perseguindo o meu e logo cai para o menino.

— O garoto morava ali? — aponta com o queixo, arrogante.

Não deixo de reparar que seu timbre exigente, duro, contém a sobriedade cruel e natural do membro da mais suja família de mafiosos a que seu sangue pertence. Nicholas se tornou um deles, um mafioso. Como poderia ser diferente?

Infelizmente, a confirmação dói, não nego.

E recuso-me a responder. Ele não tem mais este direito. Não há nenhum vínculo que nos una a não ser a mágoa enraizada que se ergueu como um muro de concreto entre nós. Construído centímetro a centímetro por sua indiferença, pelas vezes em que ainda tentei contato e ele se recusou a me ouvir. Pelo inferno que passei sozinha.

Atingida pelas lembranças como um rolo compressor, sacudo o braço para me desprender de seu domínio — o primeiro contato físico em muitos anos —. Esse toque, depois de tudo, chega a ser um ultraje.

Meu movimento é inútil. Nicholas não cede.

— Solte — resmungo seca.

— Sophia... — rosna um aviso.

Quero rir, de desgosto, por sua ousadia.

— Me. Solte. Agora.

Assisto os olhos frios se semicerrarem, exibindo o desagrado pela rejeição. Enfrento, mostrando que não estou brincando. E, parecendo procurar por paciência nos céus, o italiano olha para cima e pragueja qualquer coisa inaudível antes de voltar a me fitar.

— Mulher, escute com muita atenção: eu estou aqui para te ajudar — exprime lento, com falsa calma, falando como se eu fosse uma menina teimosa e não a mulher que ele um dia deixou para trás.

“Eu estou aqui para te ajudar”. *Ajudar?* Isso saindo

de sua boca parece até uma piada ruim.

Antes de rebater, espio a criança em meus braços, checando se ela está atenta ao que dizemos – não quero assustá-lo ainda mais tendo de presenciar uma discussão – e encontro seus olhinhos vidrados nos meus, talvez tentando expressar o que a boca não é capaz. Difícil não deixar que isto chegue ao meu coração, como manda meu papel aqui.

Sorvo uma generosa quantidade de ar em busca de controle de minhas emoções e encaro o homem, com a educação e distanciamento que eu trataria um estranho.

— Olhe, eu agradeço, mas não precisamos de sua ajuda, então, por favor, apenas saia do nosso caminho.

Quero cortar logo qualquer assunto e me afastar de uma vez. Sendo honesta, eu não suportaria ficar em sua presença mais um minuto sequer. A carga dos acontecimentos recentes já é suficiente para consumir o meu equilíbrio. Ele e o passado são desnecessários no momento.

Atendendo ao meu pedido, *estranhamente fácil demais*, Nicholas me solta.

Por pouco tempo.

Antes que eu consiga prever sua intenção, ele retira o menino dos meus braços, levando-o para os seus.

Mas o que...?

Observo, sem reação, ele envolver o cobertor em torno da criança com admirável agilidade e sustentá-lo assim, bem enroladinho, em um só braço. O garotinho não diz nada, tampouco tira os olhos de mim, assustado, tão frágil que aperta o peito.

— *O que você pensa que está fazendo?* — murmuro num grande esforço para demonstrar normalidade diante da criança e não enfurecer com a ousadia do homem.

E noto o discreto pulsar no músculo de sua face, evidentemente insatisfeito por ter de dar satisfação de suas ações. O que ele pensa que é? O dono do mundo? Deus, eu nem mesmo o reconheço mais.

— Vocês não estão seguros aqui, Sophia. Você, melhor do que ninguém, sabe como essas coisas funcionam. Os caras que fizeram isso não vão permitir que o garoto saia desta com vida — soa como um alerta perigosamente sereno, irredutível.

— E-eu...

— Se tem dúvida do que estou dizendo, *donna*, olhe em volta — instiga, num convite sem humor.

Por cima de meu ombro, observo o movimento de bombeiros, policiais e curiosos atraídos pela desordem. Ao longe, alguns sujeitos mal-encarados assistem às chamas consumirem o restante da casa, sem parecer se

abalar. E eu sei exatamente o porquê: foram eles, é assim que resolvem as coisas por aqui.

Tal compreensão amolece o meu corpo por inteiro. Apesar de odiar assumir isso, Nicholas está certo.

— Venha, vamos sair daqui — sem esperar mais, ele apanha minha mão e tenta me guiar até sua SUV preta, estacionada a poucos metros, onde um homem nos aguarda com a porta aberta.

— Ei! — agarro seu pulso, forçando que me solte — Para onde você pensa que...? Esse é meu trabalho. Eu tenho que comunicar a juíza, a polícia. Não posso simplesmente...

O italiano impaciente me corta.

— Depois você fará tudo isto. Agora pare de perder tempo e venha comigo. Eu só estou tentando te proteger.

Ah certo, diz um Salvatore. *Agora* ele quer me proteger.

— Não. Nós não vamos a lugar nenhum com você, Nicholas. Me entregue o menino e nos deixe em paz. Eu estou fazendo o meu trabalho aqui e não preciso da sua *proteção*... ou seja lá qual a intenção por trás disso — cuspo a última frase.

Ao me ouvir, seus olhos chamuscam ferozmente.

— Não há qualquer intenção, *cazzo*! — o tom letal desce uma nota — Estou te oferecendo uma oportunidade

de tirar o garoto desta com vida, do contrário, eles vão te seguir e terminar o que começaram. E você sabe disso.

“... *Eles vão te seguir e terminar o que começaram*”. A frase ecoa em minha cabeça, gelando o corpo. Pisco algumas vezes absorvendo a informação. Por reflexo, dou uma verificada de soslaio no grupo mais afastado e percebo um deles olhando em nossa direção. Diretamente para mim!

Ele me viu!

— N-nico! — assustada, viro rapidamente... *e paraliso* quando assisto em um tipo de câmera lenta as junções de seus dedos aproximando-se para roçar meu rosto.

Sem permissão, ele desliza uma carícia suave contra a minha pele.

— Sim, *bella*, venha comigo e eu vou manter vocês seguros — assegura com repentina brandura.

Ao som da palavra, inevitavelmente fecho meus olhos bem apertados.

“Bella”.

Deus, como amava este seu modo de me chamar.

Amava nossa amizade, a cumplicidade, as risadas, a paixão. Mas isto acabou. Ficou para trás. *No passado*. No mesmo passado em que eu pensava que Nicholas era meu porto-seguro. Antes dele e sua família me quebrarem em

tantos pedaços que eu nem mesmo sei como ainda estou em pé. Num tempo em que seu toque me aquecia, diferente de agora que rasga minha pele como uma lança afiada a atravessar a ferida ainda aberta em meu peito.

Sacudo a cabeça, negando a mim mesma mergulhar neste rio novamente. Eu não posso mais permitir que isto ainda me afete. Independente de qualquer coisa, ele não merece isso de mim.

Instintivamente recuo um passo, afastando-me.

Tomada pelo sabor amargo que a lembrança traz à minha boca, eu o enfrento.

— Tudo bem, nós vamos com você... — afasto qualquer emoção de minha fala — Só, por favor, não me toque. *Nunca mais*.

Não perco o momento em que o maxilar desenhado se contrai, tornando seu semblante perigosamente impassível.

— Cuidado com o que deseja, *amore mio*... — o aviso preenchido de escárnio é tão baixo que quase penso ser a minha imaginação.

Quase.

Sustento a discreta selvajaria em nosso duelo de olhares até onde posso. E quando a acusação e ressentimento que enxergo nele se tornam demais para mim, opto por cessar de uma vez por todas a batalha

silenciosa, entrando no banco de trás no veículo e absorvendo a dormência em meu coração.

A criança é colocada de volta em meus braços. Tenho a sensação de que somente comigo ele parece tornar a respirar. É como um tipo de conexão que surgiu naquele instante de terror. No momento em que o vi, e Akin me contemplou como se eu fosse sua salvação, algo estalou entre nós.

Nicholas assume o volante e exige que eu lhe dê a chave do meu carro. Talvez por instinto, eu faço o que ele pede. Observo-o comunicar alguns comandos inaudíveis ao sujeito que nos aguardava, entregando pela janela o controle do meu alarme.

Logo nosso veículo está em movimento ganhando a rodovia interestadual... Indo para o lado oposto ao qual deveríamos ir.

— Nicholas, espere! Este não é o caminho para...
— hesito, pensando para onde eu deveria levar a criança.

De acordo com o procedimento, a resposta seria para um abrigo. No entanto, sou atingida por uma necessidade muito grande de cuidar do menino; de levá-lo à minha casa, no conforto e calor de um lar, mesmo sabendo que isso vai contra o protocolo.

E nenhum dos dois lugares fica nesta direção.

— Estamos indo para a casa que mantenho na saída da cidade — a tranquilidade arrogante faz-me ciente de que, para ele, não há discussão sobre o assunto — Se você entregar o menino ao sistema esta noite, aqueles caras estarão lá para encerrar o que começaram.

Estremeço diante da possibilidade, porém não tenho muito tempo para pensar nisso, pois logo um novo e perturbador pensamento surge.

— Como você sabia? — pergunto em tom baixo para não assustar o garoto.

Nossos olhos se encontram pelo espelho retrovisor, em um breve enfrentamento.

Sim, sinto sua energia ameaçadora querendo me dissuadir.

— Eu mantinha alguém vigiando você — a resposta é direta, livre de constrangimento — Conde viu o que fizeram, foi ele que te ajudou a sair de lá.

Tenho a sensação de um enxame de abelhas atacando meu rosto, ferroando a pele, ao passo que algo se agita em um lugar há muito tempo adormecido dentro de mim. Inspiro profunda e discretamente, exigindo de mim mesma serenidade para nunca deixar Nico saber o quanto ainda me importo, mesmo depois de tudo.

— Por quê?

Ele desvia seus olhos para a estrada, me evitando.

— É assim que estas gangues cobram suas dívidas.

— Não foi o que perguntei — rebato — Por que você mandou alguém me vigiar?

Friamente sua atenção volta pra mim.

— Porque, *cazzo*, este seu trabalho é uma merda de perigoso! — a explosão baixa, ameaçadora, mostra exatamente em quem ele se transformou.

Minhas narinas dilatam com a expiração pesada.

— Atente-se a sua língua — reprimo, apontando para o pequenino com a cabeça. Desvio meu olhar para a janela, encarando a noite nublada correndo lá fora — E eu não preciso de você me vigiando... Além de que, você não se importou antes, não há necessidade de fazer isto agora.

Nico não diz nada, tampouco quero que diga. Acato o silêncio ensurdecador crescendo entre nós de bom grado. *Ele* sabe o que fez. Nós dois sabemos.

Volto minha atenção ao menino, que se permanece concentrado em mim.

— Você está bem agora — sussurro, com cuidado, me empenhando para mostrar que ele pode confiar em mim — Estamos indo a um lugar seguro.

Seus olhinhos negros nem piscam. Aliso docemente o cabelinho crespo coberto por uma camada de cinzas, denotando o que acabamos de presenciar.

— Tudo vai ficar bem, Akin — afirmo, mais para

me convencer do que a ele.

Quando recebi o chamado de uma vizinha da família do menino, dizendo que homens *estranhos* haviam entrado na casa e estavam lá há algum tempo, eu pedi que a mulher chamasse a polícia e imediatamente me dirigi ao endereço. Por experiência, eu sabia que os policiais demorariam a ir ao local – eles não gostam do bairro e ignoram as chamadas da região o quanto podem. A velha prática do “*Deixe que as gangues resolvam entre si*”.

Fui designada a assistir a família por ordens da juíza McEvan. As crianças só foram autorizadas a retornar àquele lar depois de um acordo colaborativo que os pais fizeram. Meu trabalho era assegurar que os filhos estavam frequentando a escola, encontravam-se em bom estado de saúde e os pais longe do tráfico e consumo de drogas. Precavida, deixei um cartão com a vizinha e pedi que ela ficasse atenta à família, me alertando acerca de qualquer problema.

Cheguei a tempo de ver a casa parcialmente em chamas e gritos pavorosos vindos do interior. Não pensei no que estava fazendo quando decidi entrar para me deparar com a cena mais terrível de que me lembro em anos de profissão: os pais e os dois irmãos de Akin,

amarrados em cadeiras, queimando vivos. Demandou toda a minha força para mover minhas pernas e ser forte o suficiente para enfrentar o fogo e desamarrar o menino que estava a poucos segundos de começar a queimar também.

Akin não emitiu um único ruído enquanto tudo acontecia. O estado de choque era visível. Gritei por ajuda, gritei muito, mas tudo o que eu podia fazer era arrancá-lo de lá ou morreríamos também.

Um homem, cujo rosto eu nem sequer vi direito, me ajudou a encontrar a saída da casa em meio ao caos. Assim que descemos o último dos degraus que davam para a porta, trazendo o menino agarrado a mim, os estalos da estrutura do teto se partindo ficaram mais fortes e tudo ruiu em chamas, tão rápido que só pode ter sido fomentado por combustível.

Eu vi os minutos finais de vida daquelas pessoas, vi o fogo castigando seus corpos. Duas crianças inocentes, felizes por voltarem ao lar. A imagem nunca deixará minha mente.

— Sophi... — o som rouco da voz de Nico me traz de volta ao presente.

E só então me dou conta de que o garoto adormeceu. Minhas lágrimas salpicam sua face. Limpo os olhos com o pulso, respiro fundo e encaro as íris cinza afiadas, através

do espelho.

— Não chore, *bella*...

Expiro profunda e discretamente, esvaziando meu peito. Ele não tem o direito de me dizer nada.

— Guarde sua preocupação, Nicholas... Já passei por situações ruins o suficiente para me acostumar — as palavras saem mais ressentidas do que eu pretendia.

Honestamente, minha intenção não era atormentá-lo com o nosso passado: apenas queria que ele visse que não preciso de sua *porcaria* de preocupação. Contudo, acho que acabei tocando em um ponto frágil.

— Não podemos mudar o que passou — o resmungo falsamente tranquilo tenta esconder algo que não consigo identificar.

Culpa?

Não, Nicholas Salvatore não teria sentimentos desse tipo nem se Jesus Cristo retornasse agora à Terra. Ele se tornou alguém igual a seus familiares. Sem humanidade.

— Ninguém melhor do que eu para saber disso — lembro-o.

Involuntariamente, toco meu ventre.

Os Salvatore me marcaram para a vida inteira.

Capítulo 02



SOPHIA

O carro entra por uma estradinha de mata fechada. *Lugar ideal para um mafioso se esconder*, reflito ironicamente.

Rejeito o pensamento e me concentro em raciocinar sobre o futuro desta criança. Pela manhã, farei uma ligação à equipe da juíza, contando da situação. Eu violei o protocolo não levando ele ao abrigo tutelar e não tenho bem certeza das consequências.

— Chegamos — Nico corta o silêncio.

Aceno com a cabeça uma vez, fazendo-o ciente de que ouvi.

Observo a fachada do lugar, um chalé de tijolos vivos, bonito, com amplas vidraças e até mesmo uma chaminé. Fecho os olhos, lembrando de quando éramos mais jovens e sonhávamos com nosso futuro lar. Ele seria exatamente como este.

Nico desliga o motor. Ele me espreita pelo retrovisor, como se partilhasse das minhas memórias. Não obstante, nenhum de nós diz nada.

Ajeito meu braço, já dormente por segurar o corpo de Akin. Nicholas sai do carro e o contorna, abrindo a minha porta. Deslizo sentada pelo couro do banco para próximo à porta. Antes que eu coloque um pé no chão, o homem já está tirando a criança de mim. Não posso negar que é um pequeno alívio: Akin tem, pelo menos, três anos, e seu peso já não é o de um bebê.

— Obrigada — murmuro.

O interior da casa é tão acolhedor que até surpreende. Eu esperava algo frio, asséptico, sem vida, no entanto a madeira escura, os tapetes e cortinas, tudo é quente de um jeito muito bonito.

— Vou levá-lo ao quarto de hóspedes — informa cuidadoso para não acordar Akin.

Sem que nada seja dito, eu o acompanho.

Nicholas deita Akin na cama e o cobre com uma manta. Ajudo, ajeitando o travesseiro e retirando seus tênis. Paro por um minuto e observo a criança dormindo, entregue à exaustão. O que será dele a partir de agora? Sem pais ou irmãos, tendo presenciado cenas mais assombrosas que uma criança poderia lidar.

Crianças que perderam a família e são entregues ao sistema, dificilmente conseguem se adaptar. Por experiência própria, sei que a vida em lares adotivos nem sempre é o que se deseja. E, depois de ter compartilhado sua dor em primeiro plano, sinto que Akin realmente precisará de muito cuidado e carinho.

— Você está bem? — a presença de Nico às minhas costas faz com que meu corpo se contraia.

Como eu amei esse homem, Deus.

Estrangulo a dor e me viro para ele.

— Sim, obrigada — sussurro — Acho que precisamos deixar Akin dormir um pouco — evito seus olhos, contorno seu corpo e caminho para a porta.

Nico apaga a luz do quarto, deixando uma fresta da porta aberta, e me acompanha. No corredor, aliso as mãos em meus jeans, encarando um ponto da parede ao lado dele.

— Eu gostaria de usar o banheiro... — peço, desconfortável.

Ele não se move. Subo meus olhos para encontrar sua expressão afiada e travo diante da familiar intensidade. Nico me encara como se tivesse muito a dizer, mas eu não quero escutar. Ele é uma parte dolorosa do passado, foi muito difícil superar tudo o que aconteceu. Ainda é. Eu ainda sinto a vazão, lembro do medo, da angústia de estar sozinha sem nem saber como foi que tudo tão de repente desmoronou e sem poder contar com ele.

— No fim do corredor — indica de forma lenta e abafada.

Inspiro entrecortado e sigo a direção sem vacilar, embora minhas pernas de repente pareçam tomadas por cimento, arrastando-se pesadamente. Entro no banheiro, fecho a porta e descanso as costas contra ela.

Por que aceitei sua ajuda? Por que vim parar aqui com ele?

Apoio-me na pia e fecho os olhos bem apertado. Minha cabeça pende para baixo.

“Espere-me acordada”. Esta frase, dita há cinco anos, foi a última vez em que ele se dirigiu a mim sem todo o ódio e o desprezo que se seguiram depois. Eu era tão jovem, tão inocente em relação à capacidade da maldade humana.

Os Salvatore se aproveitaram disso e levaram tudo.

Naquela noite, pouco depois da saída de Nico para se encontrar com o pai, seus primos Dino e Paolo e, seu irmão Elemis, bateram à porta. Eu estranhei a presença deles. Meus instintos me alertaram, e Deus sabe o quanto eu gostaria de ter escutado.

Eles disseram que Nico havia sofrido um acidente e precisava de mim. É claro que eu acreditei cegamente e os segui, porque quando o assunto era esse homem, eu seguiria até o inferno sem titubear.

Lembro como se fosse ontem, eu grávida e aflita entrei naquele carro acreditando que estávamos indo para o hospital onde Nico havia sido levado. Eu tremia tanto, sentia tanto medo. Elemis abriu uma garrafa de água em minha frente e me entregou.

— Beba, Sophia, você está nervosa, isto não é o bom para o bebê — seu jeito preocupado também me soou suspeito, mas ignorei novamente minha intuição.

Beber aquele líquido é a última coisa de que me lembro antes de acordar num lugar imundo, desconhecido, deitada em um colchão no chão, nua, suja, com sangue quente em minhas pernas e uma tontura monstruosa.

Nem sei como consegui sair dali e pedir ajuda. No hospital, tive a confirmação de que fui estuprada e, em decorrência da gravidade das lesões, sofri um aborto. Para terminar de me quebrar, recebi a notícia de que

nunca mais poderia engravidar. A informação foi dada por uma médica. Ela também me mostrou exames de sangue, os quais apontavam forte concentração de uma droga sintética popularmente chamada de *“Bala da Felicidade”*.

Os dias depois disso foram os piores da minha vida. Nico nunca voltou e não atendeu às minhas ligações. Recebi ameaças de sua família e pensei em procurar a polícia, mas os exames de sangue sumiram e não havia mais provas. Os Salvatore armaram tudo aquilo; tinham um vídeo onde, supostamente, eu estava consciente enquanto eles me estupravam e parecia me divertir com a situação. Foi este vídeo que fez Nico acreditar neles.

Em um só golpe eles levaram tudo de mim: o homem que eu amava, meu filho, a possibilidade de ter uma família de verdade, a confiança, a estima e a paz.

Umedeço meu rosto, inspirando e expirando devagar. As lembranças ainda me enjoam. Vivi dias realmente muito ruins até finalmente conseguir seguir adiante, um passo de cada vez. Às vezes a sensação de vazio no ventre, do sangue quente entre as pernas, do medo, ainda me acordam na madrugada, num tipo de pesadelo recorrente.

Pego uma toalha do suporte e me seco. Eu preciso ser forte, apenas isto.

Quando finalmente tenho minhas emoções sob

controle, abro a porta e me deparo com Nico parado no mesmo lugar, seu pé apoiado na parede, os braços cruzados em frente ao peito.

Pelo tempo que demorei, ambos sabemos que as memórias estão novamente aqui.

— Nós podemos conversar? — ele se afasta da parede, caminhando lentamente em minha direção.

Meneio a cabeça, negando.

— Olhe, Nicholas, eu estou bem cansada e não...
— nossa proximidade me faz calar por um instante.

Seu corpo grande bloqueia até mesmo minha habilidade de respirar.

— Não é fácil para mim também, Sophi...

O tom grave e profundo de agora quase se assemelha ao do homem no passado. Contudo, não são as mesmas pessoas. Suas palavras me dizem.

Inclino meu rosto de lado, encarando-o melhor.

— O que não é fácil? Escolher em quem acreditar? Virar as costas para mim quando eu mais precisei? — rio nervosamente — De fato, é desnecessário conversar — o escarnio e o amargor, está tudo aqui.

Surpreendendo-me, Nico avança e me tem encurralada contra a parede. Sua mão vem para a base da minha garganta, prendendo-me, sem, no entanto, me machucar. Os olhos sustentam uma ferocidade difícil de

ignorar.

— Eu não escolhi um lado, porra! — a frieza contrasta com a emoção crua em seus traços — O que você esperava de mim? Eu vi aquele maldito vídeo!

— Não me importa o que você tenha visto. E não me importa ter esta conversa com você. Estamos cinco anos atrasados. Agora me solte, Nicholas, ou eu juro que...

Não consigo terminar a frase antes de sua boca cair sobre a minha, feroz, com uma violência assustadora. Sua língua força a entrada e, quando não permito, ele me morde os lábios, cruel, tão diferente de como eu me lembrava.

Irritada, devolvo a mordida até sentir o gosto metálico de seu sangue. Nem com isso ele se afasta. Meu coração acelera rumo ao colapso, o ar que sai de suas narinas me intoxica.

Empurro seus ombros, tento me desvencilhar. E quanto mais me debato, mais seu corpo me pressiona. Dentro de mim, a batalha se inicia. Uma voz grita que estou cometendo um grande erro, lembra-me do inferno que vivi e todo o mal que sua família me fez, enquanto outra parte pede que eu ceda apenas por um momento, somente para me sentir viva de novo.

No fim, a decisão não precisa ser tomada por mim.

Nicholas afasta a cabeça, entorpecido. Seus olhos, inebriados com excitação e confusão, fixam-se nos meus.

E então seu corpo se afasta por completo.

Assisto-o deslizar os dedos pelos cabelos, tenso, irritado, visivelmente perdido.

— *Che cazzo*, o que estou fazendo? — sua fala martirizada é mais como uma pergunta retórica a si mesmo.

O arrependimento em seus olhos deixa tudo muito claro para mim. Ele ainda acredita naquilo. Nicholas Salvatore escolheu seu sangue ao que sentíamos um pelo outro.

E infelizmente, por mais que eu me odeie por isto, eu ainda me importo.

Capítulo 03



SOPHIA

Segui-lo a esta casa foi um erro. Todo o amor e a raiva que ainda sinto estão aflorando mais forte do que nunca. Nico é como uma grande ferida em mim, em alguns momentos protegida por uma casca dura, que a faz não doer tanto, e em outros, em carne viva, dolorosa a ponto de a atividade mais simples, como respirar, por exemplo, tornar-se insuportável.

Ver a dúvida em seus olhos, depois de tudo, tanto me preenche de mágoa quanto de desprezo pelo homem que ele se tornou.

Encaro o chão, para que ele não veja o que ainda é capaz de fazer comigo, e recuo.

— Onde posso dormir? — a voz abatida me denuncia, embora.

Pela visão periférica, vejo-o deslizar os dedos por seu cabelo outra vez, num gesto nervoso de quem tenta se recuperar de um ato impensado... pelo beijo, claro.

— Você vai ficar no meu quarto.

Levanto meu rosto de imediato e assisto a um sorriso sem vida, talvez até de aversão, ganhar o canto de seus lábios.

— Não se preocupe, Sophi, eu dormirei na sala.

Engulo a saliva e expiro, cansada demais de toda essa tensão.

A noite é o que se pode chamar de uma legítima porcaria. Rolo em sua cama, com dificuldade de encontrar uma posição. Sento, deito e sigo neste ritmo até sentir o peso de todos os acontecimentos do dia. Finalmente, rendo-me a seu cheiro impregnado nos lençóis e durmo com lágrimas deslizando para o travesseiro.

Lágrimas de dor e de saudade.

Antes de o dia clarear totalmente, já estou no

banheiro, analisando a imagem refletida no espelho. Olheiras escuras cercam meus olhos inchados. Como eu me permiti sentir essa dor novamente? Já se passaram cinco anos! *Cinco malditos anos!*

Eu já deveria ter superado... Os céus sabem o quanto eu me esforcei para isso.

Nunca consegui me envolver sentimentalmente com ninguém, por mais que eu tentasse. Sim, nesses últimos anos tive um bom amigo e parceiro na cama que tornou alguns momentos mais fáceis de suportar. Dominic foi muito importante para mim, estive lá nos períodos difíceis com sua amizade e palavras certas, e no caminho acabamos nos envolvendo fisicamente, mas nunca passou disso. Usei o sexo para amortizar um pouco da amargura, todavia, jamais pude fazê-la me deixar por completo.

Vou ao quarto de Akin para encontrá-lo dormindo como um pequeno anjo, e decido não o acordar.

Atraída pelo cheiro de café, caminho silenciosamente até a cozinha, onde Nico está de costas, pés descalços. O jeans caído no quadril contornando a volumosa bunda, que parece ainda mais atraente. A camiseta preta agarra-se aos músculos de seus braços em perfeita harmonia. Tenho de fechar os olhos para afastar quaisquer pensamentos indevidos.

E ele escolhe este momento para se virar, como se

um imã o puxasse, e me flagra de olhos semicerrados, fazendo um exercício mental para não me deixar distrair. Abro os olhos e o encontro fitando-me em sua intensidade característica. Nico sempre teve isso em si, porém agora há também um ar de perigoso, além da sensualidade inerente a si.

A verdade é que eu nunca entendi o que ele viu em mim.

Eu trabalhava em uma lanchonete e, um dia, ele apareceu. Sozinho, com seus olhos acinzentados e penetrantes, sentou-se à mesa onde eu atendia. De repente, ele me olhou, e, de uma maneira inexplicável, consegui me enxergar através daquele olhar. Tive a estranha e imediata sensação de finalmente encontrar o meu lugar no mundo.

Ele começou a aparecer todos os dias e quando dei por mim, já estava totalmente envolvida. Eu morava sozinha em um apartamento de um quarto, com sala e cozinha minuscualmente conjugadas; aquele foi, por algum tempo, o nosso cantinho. Tudo era tão diferente naquela época... Em nosso mundo, existia apenas nós... As coisas começaram a mudar quando eu descobri quem ele era e a que família pertencia, até chegarmos a situação em que nos encontramos agora, dois completos estranhos, cercados pela mágoa.

— Bom dia, Sophi — a voz grave e rouca me faz

suspirar, arrancando-me dos devaneios.

— Bom dia.

Nenhum de nós se move.

— Dormiu bem? — indaga.

Movimento a cabeça uma única vez, sinalizando que sim. A atmosfera densa é sufocante demais.

Olho para um móvel qualquer ao lado, evitando-o, e limpo a garganta.

— Você tem algum telefone aqui que eu possa usar? E-eu deixei o meu no carro e preciso comunicar a juíza sobre os acontecimentos... Tenho de levar Akin a um abrigo — por alguma razão, esta última parte me entristece.

— Use o meu — o timbre se torna mais baixo — Mas ainda é cedo, podemos passar o dia.

— Eu não acho uma boa ideia...

Noto-o se aproximar, devagar, emanando poder e força. Sinto meus batimentos intensificarem diante de toda a sua altura e presença asfixiantes.

— Tenho alguém cuidando disso. Meu advogado está indo ao tribunal solicitar uma medida protetiva para o garoto. Ele precisa descansar e aqui é o melhor lugar.

Tudo parece tão deslocado nesta situação. Por que agora? Por que Nico se importa *justamente agora*?

Balanço a cabeça para mim mesma.

— O que você quer, Nico? — vou direto ao assunto — Por que isso agora de querer me ajudar, mandar me seguir, resolver meus problemas?

Percebo a tensão nos músculos de sua face, como se não quisesse ser confrontado. Eu não me importo e vou além. Quero também saber por que ele apareceu no Centro Comunitário de Dominic no mesmo dia em que eu estive lá, sendo que Nico nunca foi àquele lugar.

— Aliás, por que você foi ao Centro Comunitário?

Lá são servidos alimentos a população carente. Estou quase sempre me voluntariando, ajudando Dominic. E foi num destes dias que Nicholas decidiu aparecer, sem mais nem menos. Sei de sua visita porque Dom me contou, pois por sorte eu já tinha ido para casa. A informação me pegou completamente de surpresa, não faz parte do perfil de um mafioso ser caridoso. Em especial de um Salvatore.

Seus olhos se estreitam.

— Eu não sei do que você está falando.

Rio, sem humor.

— Certamente não. Que estupidez a minha pensar por um segundo que você possa ter ido àquele lugar para se voluntariar — ironizo.

— O que você espera que eu responda, Sophia? Que eu fui lá pra te ver? Que eu não te esqueci, mesmo

depois de tudo? — a proximidade de seu corpo e a selvageria em seu sussurro controlado me assusta.

Elevo meu queixo, na tentativa de não mostrar fraqueza.

— Não espero que responda nada. Eu realmente acredito que você não foi — minto — Até porque, para ajudar alguém você teria que ter um coração, e nós sabemos que os Salvatore não têm.

Sem que eu possa reagir, sua mão gelada toma meu queixo num aperto firme, intimidante.

— Não me compare àqueles desgraçados. *Nunca mais* me compare a eles.

A raiva em suas palavras é evidente. Dizem que depois de tudo o que fizeram comigo, mesmo não acreditando em mim, Nico rompeu os laços com a família. Os rumores são de que ele entrou no mesmo ramo ilegal de negócios e está quebrando financeiramente os Salvatore.

Recuso-me a acreditar que isso seja verdade. Se ele declarou guerra à família pelo que me fizeram, por que *maldição* se recusa a acreditar em mim? Eu fui drogada! Como é tão difícil de entender?

Eu deveria jogar tudo isso em sua cara, mas não vou. Eu estaria me humilhando ao forçar uma conversa que ele nunca quis ter.

— Pouco me importa. O sangue é mais forte do que qualquer coisa que você possa dizer, Nico. Eu sei o que você e sua família fizeram para mim, isso nunca vai mudar — as palavras saem sem emoção alguma — E, de qualquer maneira, eu nem gostaria de estar aqui agora... Por favor, só vamos fazer isso mais fácil e voltar para a cidade, sim?

Seus olhos escurecem, ferozes. O domínio em meu rosto permanece ainda mais forte.

— Eu não fiz nada a você, Sophi — tudo é dito num rosnado ameaçador.

Sustento meu olhar.

— Sim, você fez. Você virou as costas para mim quando eu mais precisei. Nada do que você possa dizer vai fazer disso menos do que é. Os Salvatore me tiraram um filho e a possibilidade de ser mãe para o resto de minha vida, mas você — aponto um dedo, tocando seu peito, tomada pelo rancor — Você me destruiu *completamente* ao não acreditar em mim.

Por fraqueza, uma lágrima desliza pela minha bochecha.

Num breve segundo, vejo seus olhos se aumentarem de espanto com o que eu disse, e então se estreitarem, desconfiados.

— O que foi que você disse sobre... Sobre ser

mãe?

Sacudo a cabeça, rindo de mim mesma. O quão tola eu sou por imaginar que ele possa ter ficado surpreso com isso?

— Não finja que você não sabe — jogo a minha descrença em sua cara, enojada.

— Explique esta porra que você disse — seu modo de falar soa como uma ordem letal.

— Tudo bem, se você quer ouvir da minha boca, então lá vai: eu nunca mais poderei engravidar, graças a vocês — acuso.

A realização me inunda de tanta dor, tanta raiva, tanto ressentimento, que me pego socando seu peito. Não uma ou duas vezes: desfiro soco atrás de soco, desejando que ele sinta tudo o que senti, que a dor que me corrói destrua ele também. Nicholas merece por não ter me protegido, por não ter confiado em mim, por não ter cuidado de mim.

Ele não revida. Absorve cada golpe, até que me prende num abraço tão apertado que parece querer me quebrar.

Deus, como eu gostaria que as coisas não fossem assim. Que a maldade daquela família não tivesse levado o que eu tive de mais lindo nesta vida.

Mas acabou.

Eles me destruíram, todos eles.

Nico é um Salvatore.

— Se afaste, Nicholas — empurro seu peito — Se afaste de mim e nunca mais me toque!

Inexpressivo – exceto pelos olhos, que ardem com um fogo difícil de interpretar, –, ele faz o que peço.

Limpo minhas lágrimas com a manga da blusa, me odiando por ter sido tão fraca em sua frente.

Ele dá um passo atrás.

— Pegue o garoto, estamos voltando — a voz gélida arrepiava os pelos de meu corpo de um jeito ruim, como um mau agouro.

E quer saber? Não me importo. Eu já tive o suficiente dele para ter certeza de que nada pode ser pior do que o passado.

Capítulo 04



NICHOLAS

— Eu não quero interrupções — passo pela mulher da recepção sem lhe dar tempo de questionar.

Subo de dois em dois os degraus do escritório, no restaurante legítimo que mantenho como fachada para os negócios. Em minha sala, vou direto ao bar de canto e derramo o líquido âmbar até a metade de um copo. Sorvo uma generosa quantidade e deixo meu corpo desabar sobre a cadeira.

Che cazzo.

Isso não pode estar acontecendo.

Eu não posso ter cometido um erro como esse.

A dor que vi em seus olhos não parecia encenação. E isso me fez querer sair daquela casa no mesmo minuto. Eu não podia ficar mais tempo lá com ela. Eu sequer deveria ter levado Sophia pra lá.

Muitos pensamentos cruzam a minha mente, em velocidade. As lembranças daquela maldita época estão todas vivas em mim. Cubro meus olhos com o braço, escondendo a cabeça no encosto.

Inferno. Aquilo tudo ainda é uma *porra* de uma *grande merda*. Por todos estes anos, odiei a todos eles, e principalmente a ela, por ter me traído da maneira como meu pai disse que ela vinha fazendo nos últimos meses enquanto estava comigo. O velho afirmou que Sophi estava comigo por interesse, e podia provar. Então veio aquele maldito vídeo. Ela esperou eu sair de casa e foi se encontrar com eles, como meu pai garantiu que faria.

E depois ela ainda mentiu numa mensagem de texto sobre ter sido drogada. *Porra!* Eu ouvi da boca da médica que a atendeu que aquilo não era verdade. Sophia estava limpa e fez tudo em plena consciência.

São evidências demais.

Mas e se...?

Esfrego meu rosto, morto.

Não. Não existe “e se”. Eu sofri demais com essa merda para hoje descobrir que tudo não passou de uma farsa.

Entrei nesse mundo sujo que eu tanto desprezava para fazer minha família pagar. Estou tirando tudo deles. O sangue não é mais forte, como Sophi pensa. Não o meu. No meu sangue, corre o desejo de me vingar dos traidores onde mais dói: seus malditos bolsos. Os Salvatore estão à beira da falência e provavelmente ainda não sabem. Estou no comando dos principais negócios deles, tudo na mais perfeita surdina. O golpe final virá em breve.

E ela? Eu a excluí da minha vida. Tentei matá-la em mim, assim como ela matou a criança que acreditei ser minha.

Deus, eu amei aquela mulher mais do que a minha própria vida.

O telefone da sala toca, trazendo-me para o presente.

Porra, o que eu disse sobre não ser perturbado?

— Eu achei que tinha deixado claro...

— Desculpe incomodá-lo, senhor, mas o doutor Veiga está na linha e disse que é importante — sua apreensão me faz respirar fundo.

Prendo a base do meu nariz. Eu pedi que ele me ligasse assim que tivesse notícias.

— Passe.

Sua voz é substituída pela de um cara ofegante.

— Nico.

— Vá direto ao assunto, Gregório.

O desgraçado expira pesadamente, dando um sinal de que as notícias não são boas.

— A assistente social não deveria ter levado a criança.

— O moleque estava em perigo — aponto, seco.

— Sim, você me disse, mas ela não tinha autorização para decidir o que fazer sozinha, a juíza...

Corto-o.

— Gregório, eu te pago uma grande quantidade de dinheiro pra você resolver os problemas e não os trazer a mim. O que há de complicado nisso?

— Sim, Nico, só que a questão agora é diferente. Sua amiga pode estar encrencada.

Cerro os punhos.

— Ela não é minha amiga. E, de qualquer forma, faça o que tiver que fazer para livrá-la disso. Só me ligue quando tiver notícias melhores.

Não espero resposta e desligo.

Normalmente, estou no controle de minhas emoções, mas passar esse tempo perto dela me desestabilizou.

Preciso pôr a cabeça em ordem.

Na verdade, já é hora de fazer uma pequena visita a alguém e livrar minha mente de uma vez por todas desta dúvida maldita.

Minha presença logo é notada pelos guardas da casa. Não demora e estes *figli di puttana* saberão quem é seu novo chefe. Em seus carros, meus homens abrem caminho e nossa passagem não encontra barreiras. Feddo estaciona a caminhonete próxima à porta de entrada da opulenta mansão.

Inferno... Estar aqui aperta minhas entranhas. Eu não voltei desde o dia em que meu pai me chamou para denunciar a traição de Sophi.

Conde abre a porta do carro. Saio do veículo e abotoo meu blazer, encarando a fachada do lugar onde cresci. Nada de bom vem disso. As lembranças de uma infância feliz foram esmagadas pelo que meus primos e irmão fizeram.

O velho já está na porta me esperando. Seu olhar afiado, tão frio como sempre foi, me mira cheio de acusações. Quando eu era mais jovem e não queria me meter nas sujeiras em que eles estavam envolvidos, estes mesmos olhos me acusavam de ser fraco. Hoje, provavelmente me acusam pelo estrago que tenho feito em

seus negócios.

— Pois olhe o que os bons ventos nos trazem — ele debocha, arrogante, o queixo elevado e o corpo apoiado em uma bengala, como se fosse necessário.

Meu pai nunca foi um fraco ou alguém digno de pena. Sua crueldade o torna um monstro destemido, que comete as piores atrocidades a quem se põe em seu caminho.

Pensando nisso, a imagem de Sophi me vem à mente. Ele nunca gostou dela. Tivemos diversas discussões e, por muitas vezes, ouvi suas merdas por me interessar pela mulher de cor e sem recursos. Se este *carcamano* soubesse como ela era importante para mim... Bem, o pior de tudo é que talvez ele sabia.

— Vim verificar como anda meu *papà* — rosno com o mesmo sorriso sem vida que recebo dele.

Odeio este lugar. Odeio este homem.

— Veio conferir se estou em pé depois de tudo o que você tem feito?

— Um pouco disso, um pouco daquilo — subo o degrau, guardando minhas mãos nos bolsos.

Eu me recuso a cumprimentá-lo.

Ele vira de costas e se encaminha para a sala. Sigo-o, dando um rápido vislumbre no lugar. A decoração antiquada e ostentosa não mudou.

O velho caminha até o bar e se serve de uma bebida e um charuto, ainda de costas.

— Os Perez ligaram — o tom familiar, sem emoção, me faz revirar os olhos.

— Um trabalho a menos. Minhas operações estavam se estendendo e eu precisava tomar o porto — quebrei o principal canal de entrada de mercadoria dos Salvatore.

O homem a quem devo chamar de pai se vira. Seu semblante agora revela exatamente quem ele é, os olhos repletos de ódio e brutalidade.

— Espero que você saiba no que está se metendo, *ragazzo*. Eu trabalhei muitos anos para agora ter que lutar contra meu próprio *figlio* — o sorriso falsamente complacente se arma — Acredite, mesmo que isso fira meu coração, se eu tiver que entrar em uma guerra, entrarei.

Relaxo meu exterior para que ele não veja o fogo queimando em mim.

— Eu acho que esta decisão está unicamente em suas mãos e vai depender dos próximos minutos, *papà*.

A dúvida atravessa sua expressão.

— O que você quer, Nico?

— A verdade.

Confuso, eleva a sobrancelha, e logo os olhos frios se estreitam.

— Tudo isso é por causa da... *negrinha*? — a falsa incredulidade dá lugar a uma gargalhada alta, provocadora.

Cerro meus punhos para não esmagar seu rosto.

— Nico, esta sempre foi a sua fraqueza. Você é a porra de um *ragazzo* sentimental.

Lembro-me da frase que Sophi jogou em minha cara esta manhã.

— Acho que você está enganado, *papà*. Alguém me disse que os Salvatore não têm coração e, como pode ver, sou um de vocês.

O velho senta em sua poltrona patriarcal. A cena é tão familiar... Ali, já vi muitos ajoelhados, beijando a mão do chefe da máfia, seja para pedir uma benção ou redenção. Para Moretti Salvatore, a regra era uma só: perdão não foi feito para seres mortais. Um beijo dele era a sentença de morte aos que erravam.

— Pare de besteira, filho. Você continua querendo interferir nos negócios de sua família por causa daquela *negrinha*?

Leva tudo de mim para não fazê-lo engolir sua língua. Nem quero pensar nas razões, entretanto, tê-lo ofendendo Sophi me faz perder o controle.

— Vocês armaram para ela, não é?

O escárnio se faz evidente.

— Que diferença isso faz agora?

Engulo a seco.

— Responda — dou um passo à frente — Vocês armaram para ela? — aumento o tom de voz.

Vejo o medo em seu rosto por trás da máscara impassível. É discreto, mas está ali.

— Ela não era para você, Nicholas. Você deveria saber disso melhor do que ninguém.

Me pego dando mais alguns passos, sentindo o sangue pulsar pelas minhas veias.

— Ela estava grávida — rosno.

— De uma criança preta como ela! — ele também eleva o tom, gesticulando um desdém difícil de suportar — Nosso sangue estaria misturado ao de uma bastarda preta e pobre. Assuma que você é o responsável por isso, *cazzo*, sua intenção era envergonhar nossa família. Você sempre quis isso!

Aqui jaz a sua última mentira.

Tudo se passa a minha frente como um filme. Sophi enviando mensagem atrás de mensagem, implorando para eu escutá-la. Meu irmão vindo ao meu hotel dizer que sentia muito, mas que precisava me mostrar como a mulher que eu escolhi era uma vagabunda e estava se vendendo a eles. Meu pai agindo como um herói, por ter aberto meus olhos. A médica mentindo sobre os resultados

dos exames de Sophi. A morte do meu filho, do *nosso* filho. E depois disso, dois malditos anos de uma fodida dor que me dilacerou até acabar com tudo dentro de mim. Acreditando que ela me traiu, tentei arrancar do meu peito a mulher que eu mais amei na vida.

Porra do inferno!

Sophi nunca me traiu.

A próxima coisa que me pego fazendo é encurralar meu pai em sua poltrona. Aperto seu pescoço com força, desejando ver a vida deixar seus olhos.

— Desgraçado, você matou meu filho! Você matou meu filho!

Raiva e dor me guiam neste momento. Eu quero matar esse *figlio di puttana* com minhas próprias mãos. Meu corpo treme pedindo por isto.

Não consigo pensar em nada que não seja esmagar sua garganta, até que uma mão firme toca meu ombro.

— Não faça isso, *fratello* — Conde, meu amigo e segurança, me impede, puxando-me para a razão.

— Eu quero matá-lo — rosno sem controle, encarando os olhos e rosto avermelhados do homem que eu um dia chamei de pai.

— Nico... — Conde insiste.

Leva mais de dois segundos para a razão assumir.

Não.

Não é o fim que este *carcamano* merece. Para ele, será longo e doloroso, é uma promessa que me faço.

Tremendo, retiro minhas mãos de seu pescoço e rapidamente apanho sua velha carabina dourada — um presente adquirido em leilão, pertencente ao maior mafioso que já existiu, Joseph Bonanno.

Miro a arma para o centro de sua testa.

— Eu deveria matá-lo aqui mesmo, *figlio di puttana*.

Ele tosse, alto.

Sob controle, guardo sua arma em minhas costas e me afasto um passo.

O velho luta para recuperar o fôlego, buscando o ar.

— Você tem doze horas para sair desta casa — aviso, calmo.

— O qu...? — tosse — Você só pode ter enlouquecido, esta casa é minha!

Dou um riso alto, estrondoso, guardado por tempo demais.

— Você deveria controlar melhor sua contabilidade, *papà*. Doze horas, nada mais.

Ajustando meu terno, viro-me para meu amigo.

— Faça — ordeno.

Conde puxa seu celular para iniciar a ligação. Neste momento, todos os depósitos, pontos, armas, mercadorias e tudo mais pertencente aos Salvatore estão sendo apropriados por mim. Será a ruína deles.

Viro as costas para o patrono desgraçado.

— *Figlio di puttana!* Eu deveria ter te matado em vez de te salvar daquela negrinha puta! — grita, insano.

Estaco, sentindo a vibração de morte se estabelecer em cada célula do meu corpo. Encaro-o por cima do ombro.

— Eu poderia dizer o mesmo. No entanto, você já está morto, Moretti Salvatore. Apenas não sabe.

Do lado de fora da casa, todos os homens que um dia trabalharam para o meu pai encontram-se enfileirados, prestando seu respeito. Eles agora trabalham para mim.

Conde para ao meu lado.

— Cuide disso pessoalmente — digo, sem precisar olhá-lo — E me traga Dino, Paolo e Elemis.

Feddo já está me esperando com a porta da caminhonete aberta. Desabotoo o blazer e deslizo no banco de trás. Ele fecha a porta e assume o volante.

— Para onde, chefe?

Respiro fundo, avaliando sua pergunta.

Eu deveria ir até Sophi, mas não tenho condições

para isto. *Inferno*. Preciso pensar no que fazer. Ela tem razão quando diz que, assim como minha família, eu também a destruí. O peso disso começa a me afetar, matando-me um pouco mais.

—Leve-me para casa.

Capítulo 05



SOPHIA

Estou sentada a uma mesa ampla na sala da juíza McEvan, que ocupa seu lugar na oponente cadeira ao topo. Em minha frente, estão Michael, meu chefe direto, a secretária de Assistência Social do Estado e o coordenador do Departamento de Polícia. Sinto-me como num tribunal, recebendo suas expressões impassíveis em reprovação ao meu ato.

Tudo em que consigo pensar é na maneira como Akin gritou há poucos minutos, sendo retirado dos meus braços e enviado ao abrigo. A cena não sai da minha

cabeça. Meu coração parece apertado demais para o peito.

— Solicitamos a sua presença, senhorita Sophia, para que tenha oportunidade de explicar a decisão tomada no dia de ontem, quando desviou dos procedimentos — a juíza inicia, sem transmitir nenhuma emoção que evidencie sua opinião — Levar a criança foi uma falta grave em sua conduta.

Respiro fundo e me viro para ela, deixando de pensar na expressão do garoto por um minuto.

— Ele estava correndo perigo, excelentíssima.

— Então por que nós não fomos comunicados no momento em que a senhorita percebeu isto? — não gosto nada de seu tom.

— Porque eu não...

Minha fala é interrompida.

— Com todo o respeito, senhora juíza — o coordenador do Departamento de Polícia pede a palavra — Havia no local uma equipe da polícia e do corpo de bombeiros, sob o comando direto do Sargento Philips, e a senhorita Sophia em nenhum momento revelou a eles a real situação. De acordo com o sargento, ela retirou a criança de lá alegando estar sob suas ordens — acusa.

Dou um rápido olhar às duas pessoas ao seu lado: meu chefe não parece estar se divertindo; a secretária me

observa como seu eu tivesse cometido um crime grave.

— Eu fiquei sabendo do risco alguns minutos depois... — defendo-me, forçada a permanecer calma e a não baixar a cabeça.

A sobrelanceira do homem se eleva, com uma pitada de sarcasmo.

— Ah, sim... Poderia explicar como?

A indagação me pega de jeito. Não posso responder a eles que ouvi da boca de um mafioso e, pior ainda, levei a criança para a casa de alguém assim.

Engulo em seco.

— No momento em que me afastei com o menino, vi de longe alguns homens à espreita. São bandidos conhecidos na região, e eu apostaria que estavam lá para se certificar de que todos naquela casa morreram — minto e então olho para a juíza — Delatores não são bem-aceitos no bairro, como a senhora juíza bem sabe — alfineto, pois, indiretamente, foi ela que colocou a família nesta situação ao não incluí-los no programa de proteção a testemunhas — Um deles me viu. Intuí que, se eu levasse Akin ao abrigo, ele me seguiria.

— Intuiu? — a secretária do estado, que até então estava batucando suavemente na mesa com suas unhas vermelhas bem cuidadas, se manifesta.

O ar elegante e as roupas finas evidenciam que, de

certo, ela nunca pôs os pés no bairro ao qual sua secretaria deveria ajudar.

— Sua intuição colocou a vida de uma criança em risco, senhorita Sophia.

Novamente, sorvo o ar para as profundezas dos meus pulmões.

— Eu não coloquei a vida dele em risco, senhora secretária. Levei Akin a um local seguro, e me apresentei com ele a este órgão assim que possível.

Ela ri sem mostrar os dentes.

— Este não é o procedimento — a juíza interfere — Sob vigilância do estado é onde ele está seguro, saber disso é um dever de sua função...

O barulho da porta sendo aberta faz com que ela pare momentaneamente de falar.

— Com licença — um homem bem-vestido entra na sala, trazendo consigo uma valise.

— Posso ajudá-lo, senhor? — a juíza pergunta, demonstrando leve irritação.

Ele não se intimida, apenas sorri.

— Sou o advogado da senhorita Sophia. Minha cliente está sendo acusada de alguma coisa nesta... *reunião*? — o homem enfatiza a última palavra, sarcástico.

A atenção de todos se volta para ele, incluindo a minha.

— Eu não tenho advog... — começo a esclarecer.

Sem timidez, ele puxa a cadeira ao meu lado e se senta.

— Sim, você tem — diz, sorrindo amplamente para a juíza — Bom dia, juíza McEvan! Como representante da senhorita Sophia, adoraria saber de que se trata este nosso pequeno encontro.

A juíza se inclina para frente, apoiando o braço no encosto da cadeira. Sua expressão deixa claro que não há um único fio de cabelo em seu corpo contente pela intromissão.

Cansada, suspira.

— Sua cliente, doutor...?

— Gregório Veiga.

— Sua cliente, doutor Veiga, descumpriu as responsabilidades de sua função como assistente social, desobedecendo aos procedimentos de acolhimento de um menor sob tutela do estado.

— De que forma? Levando-o para um local seguro?
— o advogado se manifesta.

— O único local seguro é nas dependências do abrigo, doutor, protegido pela lei.

Enquanto a juíza fala, reprovadora, o homem retira um notebook da valise. Ligando o aparelho, exhibe algo na tela.

— Pois eu tenho aqui as imagens de segurança do exterior do abrigo, que mostram a total falta de policiamento, inclusive no momento em que este carro, com homens armados, ronda o local à espera da chegada de minha cliente e do menor em sua proteção.

Os olhos de todos vão para o vídeo, no qual se avista um veículo com sujeitos armados passando vagarosamente em frente ao abrigo. O coordenador do Departamento de Polícia emite um grunhido baixo, descontente.

— A polícia deveria ter sido avisada da gravidade... — ele tenta, mas o advogado não permite.

— Não cabe à minha cliente cuidar da segurança de um abrigo do estado, senhor, ou comunicar à polícia do evidente perigo da guerra entre gangues. Cabe a ela proteger a criança, conforme determinado pela excelentíssima juíza, e foi o que ela fez. Acredito que se algum jornal tiver acesso a estas imagens, a opinião pública será a mesma. Sophia protegeu o único sobrevivente daquele massacre e evitou uma tragédia ainda maior.

— Isto é algum tipo de ameaça, doutor, de levar este

material à imprensa? — o impecável penteado da juíza move alguns centímetros.

— De forma alguma, excelentíssima. Estou esclarecendo fatos em favor de minha cliente.

Ela se vira para mim.

— Onde você esteve com a criança, senhorita Sophia?

Sinto meu rosto queimar. A verdade se afunda cada vez mais na mentira.

— Em um local seguro, meritíssima... — o advogado interpela.

Suo frio e aproximo meu rosto ao dele, falando baixo para que ninguém escute.

— Quem te mandou aqui?

Eu sei a resposta; mesmo assim, necessito da confirmação.

— Nicholas Salvatore — ele limpa a garganta, olhando nos meus olhos.

Claro que Nico está envolvido... Parece que ele tem o dom de atrair o caos à minha vida. Sim, eu sei que nada do que fizeram à família de Akin tem a ver com ele, mas é como se ele fosse um chamariz para a desgraça.

O advogado fecha o computador e começa a guardá-lo, evitando maiores perguntas.

— Bem, excelência, se os fatos foram esclarecidos...

— Espere — meu pedido alarma a todos; encaro a juíza — O que acontecerá com o menino a partir de agora?

Suas costas vão para o encosto da cadeira.

— Isso não é mais um problema seu, senhorita Sophia. O estado cuidará dele.

— Onde? — gesticulo para o computador que entra na maleta — Ele corre perigo lá...

— Mandarei que vigiem o local — o chefe de polícia me corta.

Nego com firmeza, meneando a cabeça.

— Não é o bastante. Eles sabem onde Akin está. Assim que a polícia sair, aqueles homens podem muito bem retornar! — excedo-me.

— Como já disse, este assunto não mais compete à senhorita.

Estou começando a odiar a juíza e sua voz irritante.

— Pois a responsabilidade era da senhora — aponto o indicador — E tudo isso teria sido evitado se a família do menino estive no programa de proteção!

Não consigo controlar a língua. Estou ciente da linha tênue ultrapassada no momento em que abri minha

boca, e sabe de uma coisa? Dane-se. Ninguém aqui parece dar a mínima para o que acontecerá com ele. O governador está mais preocupado com a reeleição e, essa juíza, com uma promoção que certamente virá. Até meu chefe nem se dignou a falar uma palavra desde que entrei.

Nenhum deles liga!

Eu, sim.

— Cuidado com o que diz, senhorita Sophia...

— Quero que ele volte para casa comigo — exijo firme e me calo, assustada com o que eu mesma disse.

— Como é? — desta vez, é a secretária que se pronuncia, um tanto debochada.

Viro-me para ela.

— Isso que você ouviu, senhora secretária. Eu quero levar Akin comigo. Ele não estará seguro naquela porcaria de abrigo. Aliás, ninguém está seguro naquele lugar.

— Como ousa?

— Você, com seu sapato vistoso e esta roupa bonita, por acaso já visitou o abrigo? Já foi lá pessoalmente ver o que o “*sistema*” — faço um sinal de aspas com os dedos — faz por aquelas crianças? Eu aposto que não.

Inclino meu corpo em direção à juíza.

— Eu cresci num lugar como aquele, meritíssima, e

quando eu digo que Akin não estará bem lá, eu sei do que estou falando!

A mulher arregala os olhos.

— Controle-se, Sophia. Esta reunião é tão somente para alertá-la de seu erro, não quero ter de tomar nenhuma decisão para prejudicá-la!

— Pois não tome! Deixe-o ir comigo até que um novo lar seja encontrado!

Eu sei, pareço louca, descontrolada, mas não consigo apenas cruzar meus braços e assistir. Não mais.

O advogado toca minha mão por cima da mesa.

— Acalme-se, Sophia — murmura.

Encaro-o, pronta para atacá-lo verbalmente também.

— Você não entende!

— Você quer... adotar o menino? — percebo a cautela em seu tom.

Respiro fundo, ciente de todos me examinando.

— Impossível — a maldita secretária abre a boca, olhando para a juíza em pedido de apoio.

Mulher dos infernos! Mais uma palavra dela e aí sim perderei o meu controle. Pisco algumas vezes, mirando o teto.

Eu quero adotar Akin? É isso?

A imagem dele corre minha mente. O que vi em seus

olhos... A confiança, o apego à minha proteção...

Expiro, devagar agora mais leve.

Sim...

É isso.

— Sim — sussurro para o advogado, ignorando a provocação — Quero adotar Akin.

Deus, como isso é perturbador e, ao mesmo tempo, tão certo?

— Senhorita Sophia, eu acho que estamos todos com os ânimos exaltados. É melhor que respiremos fundo e encerremos esta reunião. Por enquanto, para que você também possa colocar sua cabeça em ordem, eu sugiro um afastamento de suas funções.

Abro a boca, mal sabendo o que dizer.

— Como é?

— Afastada provisoriamente, e será para o seu próprio bem. Agora me deem licença que eu tenho uma audiência em breve.

Preencho os pulmões com todo o ar possível, prontinha para descer os cachorros nela, mas o advogado me impede.

— Nós vamos resolver. Confie em mim

NICHOLAS

Cruzo meus braços, escutando atentamente à narrativa de Gregório sobre a fodida reunião. Em dado momento, seguro a base do meu nariz, respirando fundo. Bando de merdas. A única a fazer alguma coisa por esta porcaria de sistema é acusada no final das contas?

— Você fez bem em me enviar, Nico. Ela seria comida vida. A pressão do governador pela repercussão do caso acabaria com Sophia acusada de rapto.

— *Che cazzo.*

Respiro, pesaroso.

— Como é isso de ela querer adotar o menino?

— Sim. Foi o que ela disse, cara. Sophia quer adotar a criança.

Calo-me por um instante.

Por que ela deseja isso?

Ela não pode ser mãe, e em parte a culpa é minha por não protegê-la quando deveria. A questão é saber o porquê dela querer adotar *justamente* esta criança.

A resposta não parece difícil de supor: ela criou uma conexão com o menino. Eu vi em seus olhos, na maneira com que o segurou contra si, as palavras doces sussurradas querendo acalmá-lo.

Porra.

— Consiga-me uma reunião com esta juíza — ordeno, a cabeça feita.

Se Sophi quer isso, terá.

Eu já tirei muita coisa dela.

— Nico... — seu tom de advertência não passa batido.

— Te dou até o final do dia.

Meu advogado, contrariado, assente com a cabeça. Ele sabe que tenho os meios para garantir que a *maledetta* juíza faça o que eu espero. Ela é uma das pessoas que antes figurava na lista de favores dos Salvatore. Agora, os favores pertencem a mim.

— Você não prefere ao menos esperar que Sophia se acalme e repense a decisão?

Dou uma risada baixa. Se ele a conhecesse, saberia que quando aquela mulher põe uma ideia em sua cabeça, nada a faz mudar de opinião.

— Apenas obedeça — faço um sinal com a mão, indicando a saída — E diga à juíza que não é uma cortesia, Gregório, é uma ordem.

Esfrego meu rosto. Estou mentalmente morto por tudo o que aconteceu nestes últimos dois dias. Ficar tão perto de Sophi foi a melhor coisa do mundo... Mas saber que os desgraçados armaram e eu cáí, está me fodendo o

juízo. Como eu fui capaz de duvidar dela?

Dio Santo.

Ajudei a destruir a pessoa que mais amei na vida.

Pego o telefone e peço que Conde venha ao escritório. Não demora e ele entra: meu melhor amigo está sempre por perto. Ele me estendeu a mão no momento em que eu estava à beira da insanidade, acreditando que fui traído por todos, quando na verdade era tudo culpa dos Salvatore.

— Você fez o que pedi?

— Os garotos receberam o recado, *fratello*. Sophia e a criança estão protegidas. Ninguém irá perturbá-los.

Aceno com a cabeça, em agradecimento. Eu não me meto nos negócios de drogas de rua, mas não permitirei que espalhem o pânico indo atrás de inocentes.

— E quanto aos ratos maiores?

Conde confirma, e então sei que Dino, Paolo e Elemis estão prontos para receber suas sentenças.

Não hoje.

Hoje, realizarei a vontade da única vítima de tudo isso.

Uma ideia muito forte me vem à mente. Sophia não vai aprovar, no entanto o somente o mero vislumbre já traz vida a uma parte do meu coração praticamente morto —

depois de muitos, muitos anos.

Capítulo 06



SOPHIA

Entro na sala pelo segundo dia consecutivo, desta vez respondendo a um chamado imediato da juíza. Assim que meus olhos registram quem também está presente, respiro fundo.

Era o que me faltava.

— O que você faz aqui?

Os olhos dele abandonam a tela do celular e sobem para mim com naturalidade.

— Sou seu advogado, lembra?

Cruzo meus braços em frente ao peito.

— Ao que parece, você é advogado de Nicholas Salvatore, não meu. Eu não te contratei e não acho que sua presença seja pertinente... — algo estala na minha mente — Aliás, como você sabia que a juíza mandou me chamar?

Sentado, o sujeito cruza as pernas, confortável.

— Advogados têm o dever de saber quando seus clientes estão encrocados a ponto de serem chamados diretamente no gabinete da juíza, Sophia.

“Encrocados”... Acho que essa foi a única coisa que eu registrei.

O que essa mulher pode querer? Me afastou do trabalho, ninguém me deixa ver Akin e me barraram do abrigo.

— Que seja... — sento ao lado dele, em frente à mesa vazia — Que fique bem claro: não pretendo lhe pagar um único centavo.

Ele ri e volta a se concentrar na tela do celular.

Meus pensamentos vão para Nico... Por que cargas d'água o homem decidiu me ajudar de uma hora para outra?

Talvez seja melhor nem saber a resposta.

Dez minutos de silêncio até a juíza finalmente adentrar o recinto.

— Desculpem o atraso — retirando a toga e deixando-a no suporte ao lado da mesa, a mulher se senta.

O advogado guarda seu aparelho no bolso do blazer e se ajeita no lugar.

— Não há problema, nós compreendemos, senhora juíza — exprime, cordial.

Eu apenas me calo. Estou com ela entalada pela garganta e não posso me dar ao luxo de dizer o que penso. Certamente seria enviada à cadeia por desacato.

A juíza alisa os cabelos perfeitamente penteados, o que me faz pensar no meu visual desastroso: tênis, calça jeans e o cabelo mal preso num rabo de cavalo desalinhado.

Apoiando as mãos na mesa e entrelaçando os dedos, ela me olha.

— Sophia...

— Juíza...

— Seu advogado lhe informou o motivo desta reunião?

Não olho para o doutor ao meu lado; somente sinalizo um “não” com a cabeça.

— A criança é a razão.

Meu interesse se renova. Acreditei que minha presença aqui tinha a ver com o afastamento do trabalho, imposto por ela. Estava preparada para ouvir algo sobre demissão, o que não seria um grande problema. O único assunto realmente importante é o bem-estar de Akin.

— Não me foi permitido nem sequer visitá-lo, juíza — deixo isso como uma acusação — Akin não está se alimentando direito e eu nem pude entrar para vê-lo no abrigo, onde realizei a maior parte dos trabalhos desde que comecei nesta profissão.

Ela faz um movimento com a mão, impedindo-me de continuar falando.

— Eu não preciso que me diga sobre como ele está reagindo, senhorita. Tenho assistentes sociais, seus colegas, que também estão a serviço deste tribunal. A reunião é para tratar do seu pedido.

Semicerro os olhos, tentando assimilar.

— De... *adoção*? — questiono, desconfiada.

Percebo sua rápida olhada para o advogado e viro meu rosto. Algo não está certo. O doutor continua inexpressivo, uma máscara tranquila em sua face.

Volto minha atenção à juíza.

— O que a senhora decidiu?

Ela deixa o corpo descansar na cadeira.

— As coisas não são tão simples. Há uma extensa

fila de casais desejando realizar uma adoção e o processo é criterioso, como você bem sabe... — incomodada, seu olhar vai para o homem de novo, e logo retorna a mim — Contudo, sua situação é... *peculiar*.

Peculiar? O que isso quer dizer?

Antes que eu possa abrir a boca e questioná-la, o advogado se adianta, limpando a garganta, calmamente.

— A senhora poderia elucidar, excelentíssima, o que isto significa?

Assisto os lábios da mulher se contraírem numa linha fina. Ou eu estou vendo coisas, ou a juíza McEvan não parece *nada* satisfeita com esta reunião.

— Certo, doutor. Eu deliberei com bastante cautela — ela me encara muito séria — A criança se apegou a você, senhorita — não perco a recriminação na frase — E antes de prosseguirmos, quero que me responda honestamente: você quer mesmo adotar o garoto?

A sensação é a de uma rajada de vento atravessando meu coração como se eu tivesse engolido ar, fazendo-o bater mais rápido.

Ter um filho saído do meu ventre é algo que nunca poderá acontecer, mas ser mãe? Ser mãe é diferente. Eu não tinha pensando na possibilidade de adoção até conhecer Akin. Ele me fez refletir muito, e cheguei à conclusão que sim, eu quero amar uma criança, educá-la,

fazer dela uma boa pessoa para o mundo, dividir os momentos ao seu lado, acompanhar todas as fases. Eu quero muito isso.

Minha próxima resposta pode mudar a minha vida para sempre, eu sei disso, mas não tem como ser outra.

— Sim. Eu quero adotá-lo — a determinação na minha voz me surpreende.

Ela expira sem muita vontade.

— Olhe, Sophia, seus antecedentes são bons. Há estabilidade em sua vida, uma carreira, casa... No entanto, existem critérios sérios a serem considerados por mim.

— Sim, eu sei e cumprirei ao que tiver de ser — elevo o queixo, mostrando disposição.

Ela folheia um arquivo, provavelmente meu histórico profissional.

— Sua posição me agrada, mas uma criança necessita de mais do que estabilidade. Dito isto, Sophia, e considerando seu tempo de contribuição a este tribunal, *decidi* abrir uma janela de exceção de vinte e quatro horas, antes de incluir o nome do menor no sistema federal de crianças disponíveis para adoção. Estou lhe dando uma chance, desde que se adéque a algumas condições.

Sinto o suor em minhas mãos.

— Quais condições?

Sendo honesta, estou disposta a dizer sim para qualquer coisa. Eu o quero comigo, como meu filho.

— É necessário que se construa um lar.

— Sim... — concordo, ao menos com a parte que entendi — Eu lhe darei um lar, juíza, serei a família de Akin.

O olhar impaciente dela vai para o advogado, que se ajusta na cadeira, girando-se para mim.

— Eu acho que o ponto onde a juíza quer chegar, Sophia, é que você, sendo uma... Veja bem, como explicar... uma *mãe solteira*, não atende aos critérios do governo...

— Mas como...? — indago, irritada.

Olho de um para o outro, perdida. Atentos, todos aguardam uma reação.

— E-eu conheço casos de pessoas solteiras que adotaram... — gaguejo, na pressa de formular um argumento.

— Não neste tribunal, e não em uma decisão minha, Sophia. Sinto muito — a fala é enfática — Para que a criança vá com você, estou impondo a condição de que — ela hesita por um segundo, descontente — se case.

Arregalar os olhos e rir é só o que consigo fazer, esperando a juíza avisar que tudo isso foi uma

brincadeira.

— E então...? — incentivo-os a rir também e revelar que não é sério.

Suas expressões permanecem imaculadamente compenetradas.

— Isso só pode ser uma piada... — resmungo desgostosa — Você está me dizendo que tenho 24 horas para *arranjar um marido*?

Ela não responde, tampouco recua em sua posição.

Ao que parece, essa desumana, sem coração, está falando sério. E esse advogado de meia tigela voltou a dar mais importância a digitar no maldito celular do que ao absurdo acontecendo aqui.

— Deixe-me ver se entendi, se eu não fizer a maluquice de me casar em um tempo ridículo, você colocará Akin neste sistema podre com o qual vocês pouco se importam? — caio para trás na cadeira.

As narinas delicadas da mulher se dilatam.

— Tome cuidado com suas palavras, senhorita, esta sala não é meu tribunal, mas eu ainda sou uma autoridade — alerta num fio de voz — E eu não estou ordenando que se case neste curto período de tempo, e sim lhe dando até amanhã para que apresente a intenção de se casar.

Espere...

Apresentar intenção?

Bem, isto muda tudo.

Ela não está impondo uma obrigação imediata.

Caramba, por um instante eu estive à beira de surtar, interpretei totalmente errado. Com o mal-entendido resolvido, até consigo respirar novamente.

Sorrio, aliviada, e meneio a cabeça.

— Me desculpe, a senhora tem razão, e-eu interpretei mal — se minha pele não fosse negra, certamente meu rosto estaria como um tomate — E nem preciso de vinte e quatro horas para isso, eu posso me comprometer agora mesmo. Tenho intenção de me casar, sim, um dia, no futuro, e até lá minha atenção será toda voltada à criação de Akin — afirmo, convicta, encontrando a solução para o impasse.

Simples assim.

Ela respira fundo, fixando suas íris irritadas no advogado.

— Acho que não estou sendo clara o bastante. Você tem até amanhã para me informar quando será a data de seu casamento. A união não deve demorar a acontecer e, durante este tempo, o menino continuará no abrigo. Do contrário, ele entrará na fila de adoção, sem contestação.

Não... Ela não...

Exaspero-me.

— E como é isso? Tem algum lugar para o qual eu

ligue e venham me trazer um candidato por *delivery*? Tipo um *disk-pizza*, só que de maridos? — ironizo, sem acreditar.

O olhar dela vai para algo acima da minha cabeça, e o advogado também olha na mesma direção, por cima de seu ombro.

Sim. Ninguém se importa.

Ouço uma garganta se limpando às minhas costas.

A rouquidão é inconfundível.

Mesmo assim, me giro para ter certeza de que não é somente um delírio da minha cabeça, em meio a esta conversa de malucos que acabei de ouvir.

Aqui está ele. Em toda sua glória bem-vestida por algum alfaiate caro, no terno de três peças, escuro como sua alma. A gravata cinza destaca os olhos vivos e afiados, prendendo diretamente os meus.

— Quando a gente pensa que uma tempestade já passou, lá está outra no horizonte — bufo, alto.

Claro que ele tem acesso ao gabinete dela de forma tão descarada. Provavelmente, ela também está em seu bolso.

— Vocês terminaram? — sua fala é direcionada à juíza.

E veja só: Nicholas Salvatore consegue até mesmo sua própria audiência, pois certamente os assuntos dele

são mais importantes para esta mulher do que a vida de um menino de menos de três anos de idade.

— Estamos encerradas — ela reafirma, chamando minha atenção.

Sou surpreendida vendo a toda poderosa juíza levantar-se com cara de poucos amigos, recolher sua toga e se encaminhar à porta de trás, que dá diretamente ao tribunal.

Fico paralisada por alguns segundos.

Ela não vai falar com Nico...?

O advogado se levanta também.

— Nicholas...

— Obrigado, Gregório. Eu quero falar com Sophia.

Sou tomada pela sensação de que algo está muito fora do lugar.

Muda, observo o homem elegante, em sua aura perigosa e intimidadora, caminhar decididamente até a beira da mesa à minha frente e sentar-se ali, diante de mim.

Não tenho coragem de encarar seu rosto e tirar a conclusão mais óbvia para tudo isso.

— Olá, Sophi.

Fecho os olhos. Ele não pode estar envolvido nisso, não pode.

— Olhe para mim. Nós temos muito o que conversar — apesar da calculada tranquilidade, a exigência é transparente.

— Foi você, não foi? — lentamente, com a queimação ácida tomando os músculos da garganta até a língua, ergo meus olhos — Esta encenação toda é coisa sua?

A mandíbula dele tenciona com ferocidade quase imperceptível aos demais, não a mim: eu conheço Nicholas Salvatore e tenho minha resposta.

— Por quê? — coordeno meus nervos para perguntar.

— Para corrigir um erro — direto, sem rodeios.

Levo uma mão ao meu peito, querendo controlar as batidas descompassadas que ganham um ritmo assustador.

— Usando suas marionetes para brincar com a vida de uma criança?

Seu peito se infla, a respiração discreta preenchendo-o. Não há traço de vergonha ou remorso em sua face, ambos sentimentos esperados de alguém que arma um escândalo deste nível.

— Dando a você a chance de ter o que quer — o som grave arrepia minha nuca (talvez de desgosto).

Eu nem sei o que dizer. Chego a pensar que ainda não levantei da cama e estou dentro de algum tipo de

sonho sinistro, onde meu herói de armadura brilhante se transformou num temível cavaleiro das trevas.

Inspiro com toda a minha capacidade, administrando o turbilhão de emoções que se chocam em alta velocidade.

— Bem, você me deixou sem palavras, Nicholas. Não no bom sentido. Agora me explique, isto é algum tipo de vingança tardia pelo que você acha que eu fiz com sua amada família? Viu a oportunidade em Akin de se vingar da *traidora* aqui?

Ele faz uma investida querendo tocar meu rosto, mas recuo imediatamente.

— Não — ordeno, fria — Não me toque.

— Você está com raiva e não consegue enxergar o que estou tentando fazer, Sophi. Eu entendo. E muito provavelmente odiará ainda mais o que tenho para dizer — o tom perigoso não me assusta, as palavras sim.

— Um Salvatore dificilmente me surpreende, Nicholas — acuso, dissimulando o medo.

Ele ignora meu sarcasmo, captando e sustentando meu olhar em seu modo sério, intenso.

— Ouça com bastante atenção, *bella*: antes que você pense em recusar e jogar para o ar o que tenho a oferecer, deixando sua raiva falar mais alto, quero que mantenha em mente que a decisão é sua, mas uma vez

decidido, não haverá volta. Independente de qual seja.

Um calafrio ruim atravessa minha espinha.

— Case comigo.

Oh...

Minha cabeça pende de lado, tonta.

O ar foge.

As pernas fraquejam.

E, pela segunda vez hoje, eu me pego gargalhando, desta vez com mais vontade.

— Eu não tenho bem certeza do que ouvi... Vocês resolveram se unir pra me pregar uma peça, não é? A juíza insensível e corrupta, que nunca se importou com ninguém, e o cara que estragou minha vida... Ótimo.

Chego a limpar uma lágrima no canto do olho de tanto rir.

Ante minha reação, Nicholas Salvatore faz a última coisa que eu esperava dele. Calmo e elegante, ele se levanta de onde estava parcialmente sentado, enfia a mão no bolso da calça e retira um cartão.

— Eu te conheço e sei que precisa de tempo para pensar — pausa o cartão sobre a mesa — Considere minha oferta com cuidado. Você tem até o final do dia para me dar uma resposta, *bella*.

— Você não pode estar falando sério... — nego

com a cabeça, buscando seus olhos frios.

— Sim, eu estou.

Passa por mim, dando-me suas costas e se preparando para sair, tão naturalmente quanto chegou. Age como se nada tivesse acontecido.

Prontamente, coloco-me em pé.

— Pois eu nunca me casarei com um bandido, Nicholas Salvatore! — grito.

Ele me olha sem se virar por completo.

— Isso pode ser corrigido — um sorriso brinca no canto de seu lábio — Você só precisa decidir se quer Akin em sua vida ou não.

Assisto à sua saída em transe, desabando na cadeira, com as pernas perdendo a sustentação.

Inacreditável. Capítulo 07

NICHOLAS

Apesar do aparente controle, meus nervos estão em seu pior estado. Tenho consciência de que minha oferta soa descabida. Vê-la rindo com deboche exigiu toda a minha serenidade, por isso me obriguei a sair e deixá-la sozinha. Não quero que ela confirme sua teoria vendo o

verdadeiro monstro que me tornei.

Eu a conheço, Sophi não mudou em nada. Ela só precisa de tempo para assimilar... Coisa que não lhe darei. E se ela realmente se importa com o garoto, como eu acredito que sim, ao final do dia de hoje terei a minha resposta.

Convencer a *maledetta* juíza não foi fácil. Tive que apelar para os livros-caixa com os controles financeiros dos Salvatore, que agora estão sob meu poder. O nome dela aparece nas primeiras folhas, junto aos dos outros juízes corrompidos da cidade.

Che cazzo, eu nem mesmo sei o que estou fazendo. Depois que ouvi de meu pai a verdade, sinto-me como no inferno. Não quero que mais cinco anos se passem, continuar vivendo como se já estivesse morto. Tenho urgência em resgatar o que eles me roubaram; a verdade é que não sei como.

Eu mudei. A vida me transformou e me ensinou a tomar o que é meu, e é isso que estou fazendo aqui, recuperando a única mulher que amei.

Caminho para dentro do galpão onde os ratos me esperam. E aqui estão eles, Elemis, Paolo e Dino.

— Boa tarde, senhores — aproximo-me, retirando o blazer.

Entrego a peça a Conde.

— O que você pensa que está fazendo nos mantendo aqui, Nico? — meu irmão é o primeiro a se manifestar.

Encaro-o com um sorriso em meu rosto.

— Dando aos ratos o que pertence aos ratos — falo baixo, sem nenhum traço de compaixão.

Desabotoo lentamente o colete e o estendo ao meu amigo.

Este verme era meu irmão, sangue do meu sangue, *porco Dio!*

— Você só pode estar com esta sua cabeça gananciosa dentro de sua bunda, tomando nossos negócios assim. Somos uma família, *cazzo, famiglia!* — ele grita, lutando contra as amarras.

Meu irmão acredita mesmo que isso se trata de dinheiro...

Dobro com cuidado as mangas de minha camisa branca impecável até os cotovelos, e respiro profundo e tranquilamente.

— Dino, Paolo — aceno com a cabeça, em saudação.

Vagaroso, retiro da parte de trás de minha cintura a velha carabina dourada que pertencia ao patriarca dos Salvatore.

— Bonita, não? — analiso a arma, deixando meus dedos correrem pelos detalhes encravados na madeira

antiga do cabo.

Estou parado em frente a eles como numa conversa casual.

— Por que nos têm amarrados, primo? — Paolo se manifesta com seu modo gentilmente traiçoeiro.

Coloco a primeira bala na velha arma.

— Estou lhes dando a chance de pedir perdão a *Dio*, primo — plácido, encaixo outra bala na arma.

Faço um sinal para Conde, que repassa a ordem a meus homens. Um a um, Dino, Paolo e Elemis recebem pancadas em suas pernas, botando-os de joelhos.

Caminho a passos lentos até Dino, o mais covarde de todos. Aponto a arma para o centro de sua testa.

— Peça perdão por seus pecados em voz alta e recebe sua sentença.

O cara transpira. Ele sempre foi o elo fraco da corrente.

— Per-perdão pelo que, Nico? — quase posso tocar seu medo gaguejado.

Meu irmão ri, alto.

— Pela negrinha, Dino, você não percebe? — Elemis me lança um olhar de escárnio — *Papà* disse, que tudo isso que este ingrato está fazendo é pela negrinha.

— E-eu não fiz nada com ela, Nico, me escute, cara,

nós somos primos!

Sorrio com sua tentativa patética de manter a mentira. Estes *figli di puttana* sabem que não estou brincando.

— A última chance, *primo*, a escolha é sua — aviso e engato a bala na agulha.

— Tá bom, tá bom! Eu peço, Nico, eu peço! — seu rosto está encharcado e os lábios tremem — A gente fez, primo, nós pegamos sua *ragazza*!

— Cale a boca, *disgraziato*! — Paolo, seu irmão, grita.

Meu sangue corre mais quente, fritando minhas entranhas. Não demonstro e me preparo para dar a Dino meu veredito.

— Eu me compadeço de você, primo — assinto com a cabeça — *Avere un buon riposo* no inferno — puxo o gatilho.

Uma única bala, no centro de sua testa, entre os olhos, e seu corpo cai para trás, sem vida.

— Não! — Paolo berra.

Dou alguns passos até meu próximo alvo.

— Paolo! — saúdo.

— Foda-se, *figlio di puttana*! Você o matou! — esbraveja, vendo Dino morto ao chão — Você matou meu

irmão!

— Sim. E agora é a sua vez. Escolha seu destino, *cugino* — chamo-o de primo em nosso idioma, serenamente — Diga-me como isso será. Peça perdão e morra de maneira indolor como seu irmão, ou deixe para mim a escolha.

— *Cazzo!* Vá se foder! Eu comi sua mulher sim, *maledetto!* Comi aquela *troia!* Enfiei meu pau na negrinha e ela gostou!

Meus músculos se retesam escutando-o se referir a Sophi desta maneira.

— Entendi, será a segunda opção – sorrio, solícito – Eu gosto mais dela, particularmente. Olhe para cima.

Com uma mistura de raiva e medo, ele ergue a cabeça e enxerga o caldeirão amarrado por cordas, exatamente acima de onde está ajoelhado. Afasto-me a passos tranquilos e, a um aceno meu, Conde puxa a corda.

O ácido líquido despenca e cai sobre ele, derretendo seu rosto e tudo o que consegue. Os gritos, confesso, são os piores que já ouvi. Antes de me apiedar, lembro-me que estes desgraçados mataram meu filho, causaram um dano permanente em minha mulher e me quebraram.

Não há perdão.

Deliberadamente, deixei Elemis por último.

Meu irmão.

O cara que deveria me honrar por nossa ligação de família.

Em frente a ele, guardo minhas mãos nos bolsos da calça. Dou uma breve olhada para Paolo, que ainda vive e emite seus últimos sons agonizantes a caminho da morte, e volto a encarar o traidor maior.

— O que eu deveria fazer com você, *fratello*? Meu irmão, sangue do meu sangue... Como uma cobra traiçoeira, entrou na minha casa, levou minha mulher grávida, a estuprou e matou meu filho.

Seus olhos avermelhados lançam adagas.

— Faça o que tem de fazer, Nico. Você sempre foi um *maledetto*. Sempre se achou melhor do que todos nós, mas não passa de um *figlio di puttana*.

Mantenho-me no controle.

— Sabe o que *papà* vivia me dizendo quando eu era um *bambino*, Elemis? “*Seu irmão é sangue do seu sangue e o único em quem você pode confiar*” — minha voz soa gélida — E por um tempo, acreditei nisso.

Em sua expressão, eu vejo que eu estive errado. Elemis jamais me quis bem, nem em nossa infância.

— Você é a decepção de nosso *papà*! Nunca mereceu o nome Salvatore!

Aceno a cabeça.

— Concordamos neste ponto. Eu não mereci o sobrenome, mas veja só onde estamos, não é? Você me fez honrá-lo com sangue. Suas mentiras, sua *maldita* boca venenosa me colocou no caminho que os Salvatore queriam — paro, a fim de que escute bem minhas próximas palavras — Contudo, isso eu posso resolver. Sua língua já não será mais um problema.

Conde e Feddo se posicionam ao lado de Elemis, imobilizando o meu irmão, a boca aberta à minha mercê. Solicito de um dos meus homens o objeto e me aproximo dele.

— Mentiras não sairão mais de sua boca, *fratello*, é uma promessa.

E com a destreza de um cirurgião, decepto sua língua.

Entrego o pedaço da carne a Cappelletti, que espera com uma caixa de veludo vermelho aberta. O sangue se mistura à cor do tecido.

Volto-me ao meu irmão. Ele agoniza, gemendo como um maluco.

Eu pensei que seria diferente, mas não sinto uma única grama de arrependimento ou compaixão. Elemis morreu para mim no momento em que encostou em Sophi, isso quando eu ainda pensava que ela também o queria.

Em meio aos seus urros e ao sangue jorrando,

aproximo meu rosto de seu ouvido.

— No dia em que te apresentei à Sophi, eu lhe disse que pretendia me casar com ela e pedi sua ajuda para conversar com nosso *papà* — lembro-o — Não pense que não percebi a maneira gananciosa como a olhou... Quis acreditar que você não cobiçaria a mulher de seu irmão. Eu estava errado, não é? Você desejou Sophia, irmão, e naquele dia bolou em sua mente uma forma de destruir o que eu tinha com ela. Seus olhos também são amaldiçoados.

Conde segura Elemis pelos cabelos, oferecendo-me acesso livre. Fito o interior de seus olhos, mostrando o quanto este desgraçado me quebrou com suas armações. Forço-o ver o meu desprezo por ele, e esta será sua última imagem. Arranco os olhos, ignorando a sua dor e pedidos por clemência. Um a um, os deposito na caixa.

Encaro o resultado da obra. O sangue do rosto se mistura à poça de urina embaixo de seu corpo trêmulo de desespero. A cena não me faz feliz como pensei que faria; é a justiça dos Salvatore. Brigaram para eu ser como eles, sem sentimentos, sem compaixão, sem piedade. Eis-me aqui.

Eu deveria deixá-lo agonizar, como ele fez com meu filho ao não prestar auxílio à Sophi. No entanto, ordeno com um gesto que todos se afastem e disparo contra sua cabeça. Uma vez. Faço o mesmo com Paolo.

Elemis está morto. Todos eles estão.

Viro-me para Conde.

— Mande esta caixa como um presente a Moretti Salvatore. Faça-o ciente de que é uma lembrança do mal que ele mesmo desencadeou.

Limpo-me do sangue em minhas mãos numa torneira próxima e aviso Feddo que estamos partindo. Conde cuidará da limpeza.

Olho pela janela do carro em movimento e penso em como tudo seria diferente se os Salvatore tivessem deixado Sophi e eu vivendo nossas vidas.

Por eles, escolhi o caminho da vingança e hoje a realizei. Agora, sinto que o peso de tudo isso está cobrando seu preço. Estou cansado da vida que escolhi.

Quando Sophi me disse que nunca se casaria com um bandido, eu lhe respondi que isto eu poderia mudar, e falei sério. Por ela, eu posso mudar, deixar tudo para trás. Somente por ela.

Verifico o *display* do celular e constato que o tempo que lhe dei se esgotará em trinta minutos. Ela não vai aceitar a proposta. Deveria deixá-la em paz, mas não consigo. Eu preciso daquela mulher, a amo e nunca consegui arrancá-la do meu peito.

Disco na chamada rápida.

— Nico... — Gregório atende ao primeiro toque; ele sabe que não gosto de esperar.

— Mande a juíza pressioná-la. Sophi tem trinta minutos e não quero sua recusa.

Ordeno e desligo.

Deixo minha cabeça pender para trás no encosto do banco e, encaro o teto do carro. Sinto um rápido olhar de Feddo em mim através do retrovisor. Eu sei o que parece e é exatamente isso: estou desesperado.

Faltando poucos minutos para que o prazo se encerre, seu nome surge no aparelho. Apanho-o com a mão tremendo. Fecho os olhos e inspiro profundamente.

— *Bella...* — grunho, sustentando uma rouquidão miserável.

— Você venceu. Eu aceito.

Engulo com dificuldade.

— Eu espero que você saiba o que isto implica.

Ela suspira.

— Sim, teremos um... elo.

— Será mais do que um elo, Sophi. Você está aceitando ser minha mulher.

— Como assim sua mulher, Nicholas? — o som contém visível espanto e indignação, tornando-se agudo.

Cerro meus punhos.

Houve um tempo em que casamento era tudo o que ela jurava querer e, agora, soa ultrajada pela proposta.

Talvez... compreensível, dada a circunstância.

— Eu não vou viver um casamento de fachada, Sophia. Seu sim significa me aceitar em sua vida e viver ao meu lado como minha mulher.

Ela ri, debochada.

— Você só pode estar brincando... Ou pior, maluco.

Diante do meu silêncio, ela também se cala.

Aperto a ponta de meu nariz, expirando pesadamente, lutando por controle. A mulher que Sophi se tornou é um desafio. A menina inocente, de alma leve, foi corrompida, e tenho grande culpa nisso.

— Eu ainda amo você — me pego revelando — Eu nunca amei ninguém além de você.

Mais silêncio do outro lado da linha.

— Passei anos da minha vida querendo te arrancar do peito e não consegui... Você ainda está aqui, *bella*.

Minha voz consiste em um som embargado, rouco.

Penso ouvir um fungado baixo e me mantenho falando, colocando para fora toda a merda guardada por tanto tempo. Foda-se que Feddo pode ouvir, eu só preciso que ela saiba.

— O que eles te fizeram foi ruim, mas o que eu fiz foi muito pior. Eu não acreditei em você, e pagarei por este erro enquanto eu viver. Saiba que não houve um único dia da minha vida em que eu não pensei em você.

— Palavras não mudam nada, Nico — ela sussurra, sem esconder a mágoa.

— Eu sei. E remoer o passado também não. Mas se você estiver disposta a tentar... Nunca antes eu quis algo com tanta força.

— Não — ela diz com certa firmeza (ou orgulho, não sei bem) — Se eu seguir com isso, Nicholas, não será por amor, será unicamente para dar a Akin uma família. Você tem que saber que eu nunca vou te amar de novo e nada acontecerá entre nós. Será tão somente um pedaço de papel. Eu não sinto mais nada por você.

— Não se engane, Sophi, você me ama, nunca deixou de me amar — suavizo minha voz para um murmuro baixo, ao seu pé do ouvido.

Ela funga mais uma vez e sua respiração parece entrecortada.

— Por que é tão errado? Por que tanta coisa tinha que acontecer?

— Eu não sei... Me dê uma chance de voltar a ser feliz e te fazer feliz, isso é tudo o que estou pedindo.

— O que você está me pedindo não é simples...

Não sei se um dia serei capaz de te perdoar, e quer saber? — a fala ganha uma nota de acusação — Você me deve isso, você me deve um filho, Nicholas. Não faça isso por mim, faça por uma criança que perdeu seus pais, assim como nós perdemos nosso filho. Eu sei que meu pedido pode parecer um absurdo para alguém como você, mas tenha um pouco de consciência e pare com esta besteira.

As palavras machucam, por mais que eu tente ignorar a dor.

Luto contra a fera rugindo em mim. Tenho que continuar no controle desta situação.

— Você me disse que não pode se casar com um bandido, Sophi, então consertarei as coisas, por você. Posso deixar para trás todos os meus negócios para ter uma vida limpa, mas não abro mão de fazer deste casamento verdadeiro, independente da situação fodida que passamos. Não pense por um minuto sequer que eu não me culpo por tudo aquilo, mas não vou pagar por este pecado pelo resto da vida, *bella*. Eu quero você, posso até esperar seu tempo, só não me casarei apenas por obrigação.

Nunca falei mais sério, e sei que ela entendeu.

— Eu... Eu tenho que pensar.

Olho para o relógio em meu pulso.

— Não. Seu tempo acabou. Tenha Akin e eu em sua

vida, ou não tenha nada. Acredite, eu gostaria de ter feito isso diferente, mas é melhor assim.

— Eu te odeio — o tremor é visível.

— Eu te amo — reafirmo em resposta.

— Sempre vou te odiar, Nicholas Salvatore.

— Com o tempo, você perceberá que seu amor é mais forte que o ódio, *bella*

— *Nunca* vou te perdoar por isso.

— Isso é um sim? — pressiono, sem ceder.

— Sim, é um sim — ela anui, derrotada.

Cazzo!

Vibro por dentro. Meu fodido coração volta a bater, como se o desgraçado estivesse morto antes. Minha garganta parece querer se trancar em brasa.

Lutando por forças, me pronuncio.

— Ótimo. Gregório vai te buscar dentro de trinta minutos para que assine os documentos.

— Mas...

Sua surpresa por conta da minha rapidez mostra o quão iludida ela está sobre minhas intenções. Eu a quero com urgência. Isso é um fato.

— Não perderemos tempo, Sophia, acostume-se a isso. E arrume suas malas, você está se mudando para minha casa.

— Você é um louco! — ela grita — E-eu te odeio,
Nicholas Salvatore!

Desligo e rio alto, sem nenhuma reserva.

Sim, louco. Devo ter me tornado algo similar a isso.

Capítulo 08



NICHOLAS

Esperiei que Sophia chegasse à minha casa, acompanhada de Gregório. Sua mala pronta foi deixada na sala. Ela mal me olhou nos olhos quando entrou no escritório, seu corpo tenso e a expressão de poucos amigos. O juiz de paz, responsável por oficializar, pediu que ela se aproximasse e assinasse o documento, tendo Feddo e Conde como testemunhas de nossa união.

Neste exato momento, ela rabisca sua assinatura em frente ao oficial, como se isto fosse sua sentença de morte.

Nosso contrato pré-nupcial. E ela nem se dá ao trabalho de ler.

Respiro fundo ao assisti-la soltar a caneta, rude.

— Agora assine aqui também, senhorita —
Gregório solicita, indicando o segundo documento.

Expiro vagarosamente, buscando por calma.

Sua atitude insolente é irritante, não nego, porém não posso culpá-la. Sophi está deixando claro a todos aqui que isto não passa de uma obrigação para ela.

— Senhor Nicholas... — o juiz me oferece a caneta.

Caminho até a mesa e paro ao lado da mulher, desejando minimamente que a *maledetta* apenas me olhe. E ela não o faz.

Assino tudo o que é necessário.

Feddo e Conde ratificam o papel como testemunhas.

— Está feito — o juiz declara.

Encaro-a, assistindo seus olhos irritados desviarem para a paisagem fora da janela, ignorando-nos deliberadamente.

— Ótimo, agora, por favor, me deixem sozinho com Sophia.

Silencioso, o juiz de paz recolhe seu material. Feddo espera na porta até que o último deles saia e a

fecha atrás dele.

Distendo os músculos de meu pescoço, movimentando a cabeça de um lado para outro, ciente da tensão no ambiente.

— Muito bem, Sophi, sente-se — aponto a poltrona.

— Não é necessário, Nicholas. Bem, a menos que meu dono exija, não é?

Emputeço.

— Sente-se aqui e vamos conversar como adultos. Acho que já passou da hora.

Seu olhar cheio de acusações finalmente me encontra.

— Ao me obrigar a fazer parte desta palhaçada você foi longe demais, Nicholas, até mesmo para um Salvatore. Usar uma criança como moeda de troca... Que tipo de ser humano você se tornou?

Pronto, a mágoa veio à tona.

— O tipo de ser humano que se importa com você — respondo, zangado, dando-lhe um aviso de que não vou aceitar suas merdas, não hoje.

Ela ri baixo, o sarcasmo rasgando o canto de seu lábio.

— Nós dois sabemos o *quanto* você se importa, Nico. Nem é preciso lembrar — gesticula com desprezo.

Escoro-me na mesa, cruzando meus braços sobre o peito. Minha paciência atinge o seu limite.

— O que você *acha* que sabe, Sophia? Que mesmo de longe, eu estive cuidando de você esse tempo todo, no emprego de merda que você escolheu? Que eu estou fazendo tudo isso para que seja feliz e tenha aquela criança junto de você? Você ao menos consegue ver isso?

Ela encara o teto, sacudindo a cabeça em negação.

— Por que agora, depois de tanto tempo? Por que se importa com a minha felicidade, quando foi você quem estragou tudo?

A resposta é simples, só não sei se ela está preparada para ouvir.

— Eu me importo e *pronto*. Isso tem de bastar. Coloque uma coisa na sua cabeça, Sophi, o passado já foi, não temos como mudá-lo. Nós vamos viver juntos de hoje em diante, dormindo na mesma cama e fazendo desta casa um lar para o garoto. O quanto antes você se acostumar à ideia, melhor.

Os olhos negros crescem em descrença.

— Você só pode ter enlouquecido! Toda essa droga que você vende por aí deve ter entrado na sua cabeça! — o tom é um grito baixo, seu dedo indicador apontado para mim, acusador — Pois saiba, Nicholas Salvatore, que assim que eu tiver a guarda definitiva de Akin, entrarei

com um pedido de anulação desta farsa ridícula!

Quem ri com deboche sou eu.

— Se você não tivesse este maldito gênio forte, teria lido o acordo pré-nupcial antes de assiná-lo, minha *bella*. E se tivesse feito isso, saberia que, em caso de divórcio, a guarda do garoto é exclusivamente minha, e você não poderá vê-lo nunca mais.

Não é verdade, jamais faria isso com ela.

Sophi abre os lábios em formato de um pequeno “oh”, surpresa.

— Você não pode ter feito isso comigo, não pode... — ela inclina a cabeça, me observando com mais atenção; parece estar me vendo pela primeira vez — *Como alguém muda tanto?*

Isso mexe com algum lugar dentro de mim.

Cazzo.

Deixo meus braços caírem para os lados e agarro firmemente a borda da mesa.

— Agora você não consegue enxergar, mas tudo será diferente com o tempo.

— Escute bem, Nicholas — ela caminha apressada até mim, numa explosão — Eu não sei que ideia maluca está passando por sua cabeça, mas saiba que este casamento ridículo será sempre uma farsa, não interessa quantos anos se passarem! Se você pensa que vamos

dormir na mesma cama, perdeu o juízo!

Parando em minha frente, assisto suas pequenas narinas se dilatarem, nervosa e, *cazzo*, completamente linda.

— Sim, iremos — afirmo.

Ela gargalha, desdenhosa.

— Esqueça, seu puto doente! E você *nem sequer pense* em cobrar fidelidade de mim!

Porra!

Como é?

Estreito meus olhos.

— *O que você disse?* — o som frio de minha voz denuncia que ela acabou de pisar em um solo perigoso.

— Isso o que ouviu! — grita, cara a cara comigo, seu dedo em riste tocando meu peito — Dormirei com quantos homens eu quiser, continuarei minha vida como se nada dessa porcaria tivesse algum valor! Você será o único a nunca tocar em meu corpo!

Maledizione!

Essa mulher não disse isso.

Sem pensar, sendo arrasado por uma fúria incontrolável, agarro a sua cintura com uma mão e, com a outra, seguro os cabelos de sua nuca e a trago para mim. Num beijo selvagem, exijo passagem. Nossas bocas se

chocam e os dentes chegam a se tocar. Porra, pouco me importam suas barreiras: quero ultrapassá-las. Quero puni-la, quero domá-la. Quero que esta mulher sinta o que estou sentindo, com a mesma intensidade.

Forço a entrada de minha língua em sua boca e ela me morde com força. Dor e sangue se misturam, mas não paro. Eu a quero, maldição, eu sempre a quis. Sophi é como uma droga potente em meu sistema sanguíneo.

Quando se vê sem saída, seu corpo relaxa. A língua me empurra e me toma, indecisa e exigente. Em seu gosto, confirmo que tudo entre nós mudou de maneira irreversível. A Sophi do passado era doce, seus beijos eram apaixonados, ela me amava e se entregava com devoção. A de hoje quer me ferir. Sustenta a maldita mágoa e, ao mesmo tempo, um ardor arrebatador.

A raiva dela vence o sentimento que resta por mim. Os dentes se cravam na carne, arrancando meu sangue. Limpando a boca, parece ter nojo de mim, e se afasta com a face cheia de incriminação.

— Eu te odeio, Nico. Eu te odeio e não te dou o direito de me tocar nunca mais! Ouviu bem? *Nunca mais!*

Sophi se vira apressadamente, saindo do escritório. Sigo-a. Ela passa pela sala para apanhar sua mala, mas não a encontra.

Encosto-me contra o batente da porta.

— Suas coisas já estão no segundo andar, no último quarto à esquerda. Nosso quarto. Onde dormiremos juntos todas as noites — sim, eu sei que não é uma boa hora, mas chega disso.

Vejo seu corpo se contrair. *Bella* se move devagar, fulminando-me com incontida irritação.

— Um dia, você vai pagar por tudo isso, Nicholas.

Sorrio, ambicionando parecer satisfeito com a posição em que estamos. Por dentro, morro de medo de nunca conseguir derrubar essa barreira.

— Fique calma, terá uma noite livre de mim antes de iniciarmos nossa vida de casados, *esposa*.

SOPHIA

Não consegui pregar os olhos até tarde da noite, mal acreditando em como isso foi acontecer. Há uma semana, Nicholas era só uma lembrança dolorosa do passado. Hoje, é meu marido. Ele não pode estar me sujeitando a isso somente por vingança, não é? Quando fito seus olhos, sinto que há verdade neles, por mais que eu não queira aceitar. Nico nunca foi um mentiroso, tampouco me colocaria de volta em sua vida se não tivesse certeza a

respeito disso. Todavia, não posso esquecer que ele é um Salvatore: a chantagem para nos casarmos validou isso.

Amanheci decidida a ter uma conversa franca com ele. Vou tentar dissuadi-lo deste absurdo. Eu só quero que deixe Akin e eu seguirmos nossas vidas, sem a sua presença constante.

Caminho pela casa à sua procura de Nicholas e não o encontro. A cozinha está limpa; a sala, silenciosa. Vou até seu escritório e nem sinal dele. Em cima da mesa, está uma cópia do documento que assinei ontem. Sento-me na beirada e apanho o papel.

O que leio nele me faz piscar algumas vezes para ter certeza de que estou enxergando corretamente. O documento timbrado refere-se a todos os bens relacionados em nome de Nicholas... sendo transferidos... para mim...? Restaurantes, uma rede de farmácias e até mesmo uma empresa de fomento mercantil, além de inúmeros terrenos e salas comerciais... Por quê? Nico está me transferindo todos os seus negócios aparentemente legítimos?

Salto do lugar ao som da porta da frente sendo fechada. Com o papel em mãos, vou ao encontro de Nicholas. Preciso saber o que ele pensa que está fazendo. Qual é o seu *maldito* plano agora? Uma coisa é certa: eu não quero nada dele. *Nada*.

Ao entrar na sala, a cena que assisto me faz hesitar, travando momentaneamente no lugar.

Ajoelhado no chão, Nicholas desliza o zíper da jaqueta de... Akin. Gentil, retira o casaco grosso do menino, seu gorro e o cachecol em seu pescoço, como um pai faria.

A ideia queima minha garganta.

Nossos olhares se encontram.

Nico me encara por um longo momento, até que seus olhos caem para o papel em minha mão. E então sinto-o recuar. Ele volta a atenção ao menino.

— Veja quem está te esperando, garotão.

Akin vira o rostinho na direção para onde Nicholas aponta. Quando me enxerga, sua expressão se ilumina.

Meu mundo perde a gravidade. Ele já me reconhece como sua mãe, e eu a ele, como um filho.

Caminhamos um até o outro, nos encontrando no meio da sala. Ajoelho-me diante dele e tudo o que consigo fazer é abraçá-lo, tão forte que preciso me policiar para não o machucar.

— Seja bem-vindo, Akin — murmuro, para que somente ele escute.

Uma lágrima cai, liberta.

Agarrada a ele, meus olhos vão para Nico, repletos

de gratidão. Por ora, deixo qualquer outro sentimento em segundo plano.

De pé, ele nos observa.

— Obrigada — sibilo, inaudível.

O homem confirma com um leve movimento de cabeça: sabe o quanto acabou de me fazer feliz.

— Como você está? — afasto-me do abraço para observar melhor a criança de cima a baixo, me certificando de que Akin está bem, *que tudo está bem*.

— Bem... — responde com sua vozinha doce.

Outra lágrima desliza em meu rosto.

— Ninguém nunca mais vai nos separar, Akin, você sempre poderá contar comigo — afirmo, sem saber se a criança entende o significado disso.

Pego o olhar indecifrável de Nicholas em nós. Não posso afirmar ao certo, mas tenho a sensação de que compartilhamos do mesmo sentimento quanto à chegada de Akin.

— Eu vou preparar o café da manhã deste campeão — ele diz.

Nicholas me surpreende: está ganhando a confiança do menino, demonstrada pelo sorriso tímido de Akin.

Os olhos cinzas passam rapidamente por mim, e então ele se vira e vai para a cozinha.

Uma semana se passou desde a chegada de Akin. Entramos numa espécie de rotina. Nico, de nós, é quem acorda mais cedo. Quando chego à cozinha já o encontro preparando o café da manhã. E não, ele não cumpriu a promessa de me obrigar a dormir em sua cama.

A verdade é que, em determinado horário da noite, depois de colocarmos Akin para dormir, não o vejo mais. Ele parece me evitar e eu fico grata por isso.

Durante o dia, lidamos muito bem com a situação. O clima entre nós está mais ameno, não conversamos fora da vista de Akin. Definitivamente não nos reconciliamos, sob nenhum aspecto, mas não deixamos transparecer nada ao garoto, nos mantendo amigáveis.

Fico o dia inteiro com Akin, estou afastada do serviço. Dei entrada num pedido de licença maternidade e aguardo a liberação.

Nicholas tem ido trabalhar mais tarde durante as manhãs, e retorna perto das cinco da tarde. O mais impressionante é o que ele faz com seu tempo livre: brinca com o menino incessantemente. Só tenho tempo de dar banho no pequeno e colocá-lo na cama antes do cansaço pegá-lo de jeito; Nicholas se mantém presente nestes momentos também.

Sim, ele age como um bom pai. Nestes termos,

consigo conviver com ele, por enquanto. Ainda assim, gostaria de ter uma conversa a respeito do documento que descobri em seu escritório. Tenho a impressão de ele está fugindo do assunto.

— Bom dia — entro na cozinha logo cedo.

Seu olhar cansado se fixa em mim.

Esse é o lado ruim da convivência, a atmosfera de quando estamos a sós. Sua intensidade e as coisas não ditas têm me sufocado. Sei que é só uma questão de tempo até o inevitável acontecer: uma nova discussão pelo passado. Por Akin, decidi levar um dia de cada vez — é evidente que gosta muito de Nicholas.

— Bom dia, *bella*.

Ouvir esta palavra em sua boca mexe muito comigo.

Mordo a parte interna da bochecha para não dizer o que me vem à mente. Ele não deveria me chamar assim, não mais. Essa ternura pertence ao casal Nico e Sophi; tal qual eles, está morto em algum lugar do passado.

Saio por onde entrei, dizendo apenas:

— Vou acordar Akin.

Sim, estou fugindo. Faço isso sempre que sinto meu coração fraquejar. Constantemente, tenho de lembrar que este homem cuidadoso é o mesmo que me virou as costas para mim, no momento em que eu mais precisava de seu amor.

Ele é um Salvatore, moldado por seu sobrenome.

Depois de almoçar, Akin está tirando um cochilo no sofá. Aproveito o momento para verificar meus e-mails, afinal, passei todos os meus trabalhos para alguns colegas em quem confio.

O barulho de um carro estacionando na entrada me faz levantar e ir até a porta. A casa de Nico se localiza em um condomínio fechado, e somente pessoas autorizadas têm acesso ao lugar. Pela janela lateral, vejo Gregório, o advogado de Nico, subir os degraus de dois em dois.

Abro a porta antes que ele bata.

Ao me ver, Gregório sorri, como se já fôssemos conhecidos ou algo do tipo.

— Boa tarde, doutor — digo, sem muita abertura.

Esse homem, a juíza e Nico me prenderam neste casamento. Não posso esquecer e baixar a guarda.

— Sophia. Vim pegar as suas assinaturas e entregar outros documentos.

— O que mais eu teria pra assinar, doutor Veiga?

Ele entra e passa por mim, fingindo não reparar na animosidade do meu tom. Seu olhar mira Akin, deitado no sofá.

— O garoto está crescendo...

— Impressão sua — corto-o — Que papéis são estes?

O sorriso do sujeito só aumenta.

— Direto ao ponto, eu gosto disso. Dá para entender o que Nico viu em você, Sophia.

Bajulador.

Ele abre a pasta, me entrega uma caneta e alguns papéis com selo de cartório. Desta vez eu leio, e me espanto ao saber que são registro oficiais das transferências de propriedades.

Devolvo a papelada a ele, em recusa.

— O que isso significa? — não estou de brincadeira, e acho que ele percebe.

— Nicholas transferiu todos os bens dele para você. O processo está finalizado, você só precisa assinar e é tudo seu.

— Por que...? — um pensamento ruim surge — Não me diga que ele está me colocando de laranja em alguma merda ilegal... — inclino meu rosto — O plano é esse? Se vingar de mim, me botando na prisão por alguma coisa errada?

A gargalhada alta que ele emite quase acorda Akin. Lanço um olhar venenoso de advertência.

— Desculpe, Sophia, foi inevitável... Não. Nicholas só está passando para você os bens legais. Os

outros “*negócios*”, se é que você me entende, foram desfeitos. Nico cuidou dos arranjos a semana inteira.

— Então por quê? — sussurro, surpresa com a informação.

Se isso for verdade, Nicholas não está mais envolvido em coisas erradas. Não dá pra entender...

O advogado me encara, agora mais sério.

— Não conte a ele o que vou dizer, mas Nico está preocupado com o futuro e quer deixar você — ele aponta para Akin — e esta criança protegidos.

Preocupado por quê?

Um arrepio atravessa minha espinha.

Vou tirar isso a limpo, e será hoje.

Capítulo 09



SOPHIA

Como se estivesse prevendo, Nicholas escolheu, de todos os dias, justamente este para não voltar cedo para casa. O *advogadinho* deve ter lhe avisado que não concordei com os documentos.

Tentei dormir, mas não consigo, estou incomodada demais com a história de receber os bens de Nico.

Levanto da cama, cubro-me com um roupão e vou para a sala. Não acendo nenhuma luz pelo caminho. Sento no sofá e, na escuridão, aguardo. Alguma coisa está fora

do lugar. Por que transferir? Quer cuidar do meu futuro, agora, depois de tudo?

O pensamento ligeiro que invade a minha mente não é nada bom. Estaria ele com alguma doença terminal e resolveu consertar as coisas antes de morrer? Porcaria... A ideia me atinge em cheio.

Espero, por horas, até que o som da chave na fechadura me desperta.

Ele entra, acionando a luz próxima à porta.

E o que vem junto, por alguma razão, faz meu estômago revirar. Doente.

O perfume feminino pode ser sentido a quase cinco metros de distância. Não deveria importar... Mas importa sim, droga!

— Boa noite, Nicholas.

Nico obviamente não imaginava que eu estaria na sala neste horário. Sua surpresa ao me escutar é evidente.

Uma boa reação para explicar a culpa, talvez?

Meu rosto queima, minha língua coça e, confesso, as palavras que se seguem já fluem livremente, sem freios.

— Então é assim que vai ser? Você cativa Akin, faz ele se apegar e o deixa esperando, sem nem se dar ao trabalho de avisar que chegará tarde? A mulher com quem estava deveria ser muito boa para distraí-lo até este horário, Nico... Ou você já se cansou de brincar de pai?

Sem pressa, deixa as chaves sobre o móvel de apoio na entrada. Vira-se para me fitar, inexpressivo, iniciando uma caminhada lenta até mim.

— Por que a irritação, Sophi? — a pergunta soa tão calma que me assusta — É por ter chegado tarde, ou por você achar que eu estava com uma mulher?

Recuo.

— Eu não *acho*, Nicholas, este cheiro em você fala por si só. E dane-se. E-eu não dou a mínima.

— Não minta — ordena, aproximando-se um passo.

Recuo mais um.

— Eu já não sinto mais nada por você há muito tempo, Nico — debocho, na defensiva.

— Outra mentira.

A cada passo que retrocedo, ele avança.

— Não estou mentindo. Saiba que eu fico mais do que feliz deste casamento ser tão sem importância para você quanto é para mim. Significa que estamos sem amarras, livres para sairmos com quem quisermos.

Vejo as labaredas em seus olhos. A mandíbula enrijece e um músculo salta.

— Vou entender que é o seu ciúme falando, Sophi. Eu não estive com outra mulher — quando me dou conta, Nico me cerca contra a parede, sua mão escorada na

superfície ao lado da minha cabeça — E não vou mais aceitar este tipo de comentário.

Sinto meus batimentos se acelerarem, o coração chocando-se à caixa torácica. Raiva, desgosto, irritação... São tantos sentimentos que nem sei definir.

— Eu já te amei muito, Nico, fui doente de ciúmes por você. Isso acabou no momento em que...

Ele não me permite continuar. Captura minha boca com brutalidade, seu corpo pressionado junto ao meu, como se quisesse me esmagar.

Eu o odeio.

Empurro seu peito. Esmurro-o. Nada.

O cheiro de outra mulher impregna o ar.

Eu o odeio.

Não deveria... Nico não acreditou em mim quando eu mais precisei dele.

Eu o odeio.

Em sua boca, grito, choro, e nada parece amenizar a sensação crescente consumindo o meu interior. Mordo-o novamente, sentindo o sabor metálico de seu sangue.

Eu... Eu me odeio por ainda gostar dele.

— Eu te amo — ele grunhe, colado à minha boca num segundo de respiração — Eu te amo, *cazzo*!

Minhas lágrimas escorrem livremente. Sou uma

garota ingênua por amar este homem mesmo ele não merecendo nem uma grama disso.

— Eu te odeio — sussurro de volta e sou calada por sua boca até perder o ar.

Nicholas afasta seu corpo do meu. Penso que me deixará livre, entretanto, sinto meu roupão sendo afastado de súbito, sem restrições. Suas mãos apalpam os meus seios por cima do tecido fino da camisola.

Por que isso me faz sentir tão viva, se eu deveria repudiar seu toque?

— *Dio*, senti a sua falta — ele murmura em agonia, embargado.

Os lábios quentes me soltam e vão ao meu peito. Ele afasta o tecido e o abocanha com vigor, assemelhando-se a um homem faminto. Não pede permissão ou me oferece uma escolha.

Minha cabeça pende para trás, encostada à parede. Cerro os olhos por alguns instantes, travando uma grande batalha para não deixar o sentimento vencer. É tão difícil... Tão insuportavelmente difícil.

Por anos, tive sonhos relembrando nossas noites de amor. A maneira como eu me sentia diante de seu toque... Nunca consegui encontrar esta mesma sensação com nenhum outro homem.

— Não houve ninguém além de você no meu

coração, *bella*. Só você, sempre foi só você — a rouquidão em sua fala me faz estremecer.

Escuto sua calça sendo aberta e não tenho forças para impedir. Sou como uma alcoólatra em recuperação, desejando tomar a última dose do que arruinou sua vida.

— Eu quis isto por tanto tempo, Sophi, por tanto *maldito* tempo... — rosnando, a tempestade cinza de suas íris conectadas às minhas, ele se prepara para adentrar meu corpo. Jurando a mim mesma que será só desta vez, eu permito.

— Nico...

A carne rígida e febril desliza no meu interior, pele contra pele, nada entre nós. Seus braços fortes me apanham, suspendendo-me do chão com as mãos cravadas em minhas coxas. O homem se afunda e todos os sentimentos guardados explodem de repente em mais lágrimas e num prazer visceral.

Minha mente reluta, mas o corpo implora e vence.

— Sempre foi você, Sophi. Só você.

Tranquei-me no banheiro do quarto por um longo tempo, perdida, me culpando por ser tão tola e deixar sentimentos mortos falarem mais alto. Lavei-me querendo tirá-lo de mim — seja do meu corpo ou do meu coração.

Assim que abro a porta, encontro Nico encostado à

parede, uma expressão sombria a cobrir sua face.

— Fugir não vai mudar o que fizemos.

Evito o olhar dele.

— Não, não vai. Cometemos um erro. Nunca mais se repetirá.

Na maneira como se contrai, vejo que o atingi.

— Chega, Sophi! — ainda que exaltado, tem o cuidado de não acordar Akin, dormindo a algumas portas de distância — Destrua esse maldito muro e encare o que nós estamos deixando de viver juntos, *cazzo*!

Nego firmemente, esquivando de seus olhos.

— Não viveremos nada, Nicholas. As coisas que aconteceram estão marcadas, e não será sexo que mudará o inferno pelo qual você me fez passar. Por favor, saia do quarto.

Ele se afasta da parede.

— Consumamos nosso casamento. A partir de hoje, dormiremos juntos.

— Eu não quero, e você tem que respeitar!

Num piscar de olhos, ele está em cima de mim, segurando firmemente meu rosto.

— Sou um homem paciente, Sophia. Eu te esperei por todos aqueles anos, posso esperar por mais outros, mas não farei isso sabendo que você sente o mesmo por

mim e está deixando seu orgulho ficar entre nós. Pare de cultivar essa mágoa maldita.

Empurro seu peito com força.

— *Eu tenho nojo de você.*

As íris cinzas me fulminam. Ele me solta, como se minhas palavras o ferissem.

— *Cazzo*, mulher! Você quer que eu desista? Estou me esforçando e parece que seu coração se transformou numa maldita pedra de gelo! Se me quer longe, está indo pelo caminho certo!

Assisto-o esfregar o rosto, impaciente, beirando seus limites.

Ouçó a respiração pesada abandonar seu peito.

Ele me fita por um longo momento.

— Está sendo muito difícil, Sophia... — seu tom carrega um desânimo pessimista — Acho que estou começando a enxergar o que você quer me dizer... Nada mudará...

Não respondo, o aperto em meu peito não permite. Diante do meu silêncio, ele decide sair do quarto.

Não demora, escuto o som do motor de seu carro.

As pernas não aguentam e finalmente cedem à fraqueza. Deslizo para o chão e abraço meus joelhos.

— O que estou fazendo?

Deixo minha cabeça cair entre eles, não suportando o sentimento de derrota.

Como ele pode me pedir para *simplesmente* esquecer o que me fez de mau e seguir em frente? De toda a história, o que mais me feriu foi não ter Nico ao meu lado quando soube que havia perdido nosso filho, quando descobri que não poderia mais engravidar.

Sou sozinha no mundo: não tenho pais, irmãos, parentes, nada. Tudo o que eu tinha era Nico, e ele nunca me procurou para saber como eu estava. Foi uma época em que conheci o verdadeiro inferno. Deprimida, magoada, solitária.

Doeu tanto, e a ferida permanece aberta, machucando.

Por outro lado, como seguir adiante cultivando mágoas passadas, com Nico de volta à minha vida, Akin se apegando a ele e... eu também?

Decidi ser assistente social para ajudar pessoas como eu a superar tragédias. Não seria uma obrigação ter um zelo semelhante por mim mesma? Isso tem de ter um fim, eu só preciso descobrir como. Não posso mais continuar consumindo este veneno, à espera de que outro receba os efeitos colaterais.

— Você finalmente conseguiu, negrinha *puttana*...

Esta voz... Depois de tantos anos...

Meus batimentos aceleram.

Subo meus olhos buscando a origem do som e encontro Moretti Salvatore com uma arma apontada para mim, e uma caixa de baixo do braço.

Akin é tudo em que consigo pensar.

— O que você...? — balbucio, sem forças.

Apoio as mãos no chão e levanto devagar.

— *Battona!* Prostituta! Você jogou meus filhos um contra o outro e mandou Nicholas matar Elemis!

A arma prateada em sua mão treme. Os olhos do homem estão num vermelho vivo, transparecendo seu ódio por mim.

— Eu não sei do que você está falando, senhor Moretti, por favor, abaixe a arma — apesar do medo, peço calmamente, assim como fui treinada a fazer em situações de risco na função de assistente social.

— Não me dirija a palavra! Gente da sua cor não tem autorização para falar comigo!

Meu sangue afina, gélido. Nada de bom pode sair da raiva que ele sente por mim.

— Por favor, abaixe a arma.

— *Maledetta!* Você deveria ter procurando alguém do seu nível e deixado meu filho em paz. Agora, está aqui enfiada na casa de nossa família! Aquele *figlio di puttana*

fraco arruinou os Salvatore por uma boceta preta!

Inspiro, discreta.

Meu coração ganha uma velocidade de morte quando ouço o som da arma sendo engatilhada.

Fecho meus olhos.

— Solte a arma, *papà*! — a voz abafada de Nico, como se tivesse corrido uma maratona, me surpreende.

— Não, *bastardo* ingrato! Ela vai pagar! *Vocês* vão pagar!

Ouço dois disparos secos. Minhas pernas amolecem e eu espero a dor me atingir. Meu último pensamento vai para Nico, Akin e tudo o que deixei de viver ao lado deles.

O milésimo de segundo dura uma eternidade. Ao abrir os olhos, sinto que um buraco abriu sob meus pés.

Nico está caído a minha frente, entre seu pai e eu. O corpo é inundado por uma crescente poça de sangue.

— *Stupido, defendendo* uma vagabunda! — Moretti Salvatore debocha em histeria; sua voz é somente um som perturbado no fundo de minha mente — Deu a vida por uma negra *mignotta*!

O centro de meu universo é Nicholas.

Despenco de joelhos ao seu lado.

O sangue vermelho vinho vai tomando posse do

corpo. A pele se torna lilás e, os olhos, desfocados.

— Nico!

Toco seu rosto frio.

— *Bella...* — diz, sem nenhuma força.

Minha visão embaça com as lágrimas rápidas. Eu...
Eu não sei o que fazer.

Outra vez, Moretti engatilha a arma, mas não consigo tirar os olhos de Nico.

Ouçó uma breve luta, um disparo e o baque do corpo de Moretti Salvatore tombando ao chão. Não quero saber a autoria, não quero saber de mais nada.

— Ajude! Por favor! Chame uma ambulância! —
grito para quem quer que seja.

Tremendo violentamente, aliso o rosto de Nico e toco sua barriga, na tentativa de fazer o sangramento parar.

— Fique comigo... — sussurro, sem controle —
Ajude! — berro de novo.

— Escute, Sophi... E-eu sempre te amei...

Deus, ele está perdendo a voz...

— Shhh... Não diga nada, poupe suas energias, a ajuda está vindo.

— Me perdoe...

Choro, em gritos.

— Não fale nada, vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem — reforço, me esforçando para acalmar a ambos.

— Acabou, *bella*...

— Não acabou, Nico. Fique comigo! Fique comigo!

Tudo o que vejo é seu lábio escurecendo em tons de lilás e a pele parecendo tão pálida quanto uma folha em branco.

Caio para trás, encolhida. Cerro os olhos, tapo os ouvidos e urro, rasgada por uma dor indescritível, a mais miserável que já senti.

Isso não pode estar acontecendo, não pode.

Nico deu sua vida por mim.

Escolheu a minha vida em renúncia de sua própria.

E eu não disse o quanto eu o amo.

Ele se foi sem saber que nunca houve um dia sequer em que eu não pensasse nele e desejasse, nem que por apenas um instante, seu toque, sua risada, seu cheiro, nem que fosse apenas por um mísero segundo.

Eu o perdoei em meu coração tarde demais.

Capítulo 10



SOPHIA

Akin não hesita em escolher o buquê que levaremos a Nico hoje, como temos feito todos os domingos de manhã. Sua decisão é sempre pelas rosas brancas – na sua opinião, as flores mais lindas de todas.

— Bom dia, garotão — uma mulher bonita, de traços delicados, alisa o alto da cabeça de Akin e então se vira para mim — Bom dia. Meu nome é Alice.

— Bom dia — respondo, educada, porém não consigo exprimir algo maior do que um esboço de sorriso.

Tem sido assim nos últimos dois meses.

— Eu a vejo aqui quase toda a semana — ela parece me olhar com mais atenção — Mas tenho a impressão de que a conheço de outro lugar.

Observo seu rosto com mais atenção, tomada pela sensação de que ela também me é familiar.

Seus olhos brilham, como se um estalo de esclarecimento a atingisse.

— O Centro Comunitário de Dominic!

Ela tem razão, eu já a vi.

— Sim, eu frequento o Centro e já te vi mesmo por lá — estendo a mão — Eu me chamo Sophia.

— Você é assistente social. Sim! Dominic já nos falou de você — a maneira reverenciosa como ela fala me deixa sem jeito — É uma pena nunca termos conversado antes, não é? Mas as noites são tão corridas por lá que nem dá tempo.

— Pois é...

O olhar de avelã recai sobre as flores nos braços do meu filho.

— Bela escolha, rapazinho!

— São para o meu... — ele vacila.

Akin nunca diz essa palavra.

No entanto, é como se Alice entendesse. Ela me olha com um misto de apoio e compreensão.

— Fique à vontade para levá-las sempre que quiser. São por minha conta.

— Imagine, nós pagaremos... — insisto.

— De maneira nenhuma. Os amigos de Dominic são meus amigos também.

Saímos da loja rumo ao nosso próximo destino, o hospital. Eu liguei para o médico hoje pela manhã e ele confirmou o que havia me informado ontem: Nico será retirado da medicação de indução ao coma. Se tudo der certo, depois de cinquenta e sete dias na UTI, ele finalmente acordará.

Ainda não se sabe como vai reagir, principalmente em relação às suas funções cognitivas. Uma das balas se alojou a cerca de dois centímetros de seu coração, e, em meio à batalha pela vida, Nicholas foi contaminado por uma bactéria extremamente agressiva que quase o vitimou.

Visito Nico todos os dias. A sensação é de estar dentro de um sonho ruim e inacabável.

Para ser franca, os detalhes daquela noite são um borrão. Lembro-me de vê-lo morrer – ou ao menos foi o que pensei – e da maneira terrível como, de repente, tudo se tornou caótico. Recobrei a razão quando o socorro já o tinha levado.

Alguns dias depois, em conversa com Ismael, um

dos seguranças de Nico – amigo, na verdade –, ele me disse que, além da ambulância, chamou o médico que trabalha para eles em “casos excepcionais” - aqueles em que os homens de Nico não podem ser enviados a hospitais convencionais em função de ferimentos com arma de fogo, para não chamar a atenção da polícia. Estrategicamente, o médico mora no mesmo condomínio e prestou os primeiros socorros.

Conde, apelido de Ismael, estava monitorando o telefone de Moretti Salvatore, e dirigiu de imediato até nossa casa ao se dar conta de que o velho italiano estava lá. Ele avisou Nico, foi por isso que Nico voltou correndo, bem a tempo de se lançar em frente aos disparos dirigidos a mim.

E mesmo tendo ferido o filho, inabalado, Moretti ainda tentou atirar em mim. Conde o matou com uma única bala na cabeça. A polícia entendeu como legítima defesa.

Na mesma conversa, algo que Conde revelou me fez ainda mais doente do estômago. Nico já esperava uma retaliação de sua família, só não imaginava que seria contra mim. Na percepção dele, Akin e eu estávamos fora da vista de seu pai, seguros... Todavia, tinha ciência de que um atentado estava por vir. Nicholas aguardava sua morte. Esse fato justifica toda a história de me transferir seus bens... ele estava preocupado com o nosso futuro, caso morresse.

A ideia revira meu interior.

Sento-me com Akin na sala de espera, após termos avisado na recepção que desejávamos ver Nico. A esperança de encontrá-lo acordado faz meu coração voltar a trabalhar em um ritmo intenso, depois de quase dois meses inerte. Quando a enfermeira autoriza a entrada, é como se o danado acelerasse ainda para o ritmo de pré-colapso.

Abraço o buquê, pego a mão de meu filho e entro no quarto. Nico está dormindo sem o respirador, o que é um bom sinal. Deixo as flores no vaso, minha bolsa de lado na poltrona e me aproximo da cama.

Um anjo feroz: é esta a aparência que Nicholas Salvatore tem, mesmo adormecido.

Olhando para a expressão sutilmente relaxada, me lembro de quando o conheci. No passado, seus olhos brilhavam de maneira leve, livre. As palavras eram doces. Não havia este vinco marcando sua testa... A consciência era limpa, também. Quem poderia dizer que o destino nos pregaria tamanha peça e seu próprio pai tentaria matá-lo, depois de todo o mal que nos causou?

Pego-me alisando sua pele morna, e fecho meus olhos por um instante, relembrando o pavor de vê-lo perdendo a temperatura corporal com aquela rapidez.

Devo ter envelhecido dez anos em um só dia.

Observo-o por mais um tempo e vou me sentar na poltrona próxima à janela.

Talvez não seja hoje que Nico acordará, não obstante, o fato dele não estar mais em coma já me permite respirar novamente.

Entrego a Akin uma maçã e seu brinquedo preferido, uma miniatura de avião – o último presente de Nicholas para ele. O garoto não desgruda do objeto nem mesmo para dormir... Sente falta de Nico, eu sei.

Através da vidraça, vejo o dia lá fora ganhando contornos de que será bem quente. Eu deveria levar Akin para passear no parque, mais tarde. Tenho me esforçado para ser uma boa mãe; manter uma rotina e não deixar transparecer a dor. Não é fácil.

De repente Akin se sobressalta.

— Pai! — grita baixo em direção a Nico.

Sou pega de surpresa. O menino nunca disse essa palavra.

Levo minha mão ao peito na tentativa de conter a aceleração repentina, viro-me devagar para onde seus olhinhos apontam e vejo Nicholas... acordado.

Acordado.

Nem parece real.

A íris de cor cinza como o céu em dia nublado focaliza a criança, em reconhecimento... e logo me encontra.

Minha garganta aperta, embargada.

Meus olhos umedecem.

Sim, *ele acordou!*

Permaneço estática, sem reação, impossibilitada de me movimentar. O ar preso no peito.

— *Bella...* — leio a palavra sibilada em seus lábios secos.

Nosso olhar se conecta como se nossas almas pudessem se tocar.

Pisco uma vez e deixo as lágrimas correrem.

Forço-me a andar até ele, com os pés arrastados, parecendo atados a bolas de chumbo. Mal sinto o chão abaixo de mim.

Nicholas perdeu uma quantidade considerável de peso. Os olhos estão mais fundos, a pele pálida... mas, ainda assim, sua intensidade está aqui, a força, a selvageria. *Atraente, como nenhum outro.*

— Mamãe, mamãe, o papai acordou! — Akin dá pulinhos na beirada da cama.

Desvio meus olhos de Nico e encaro a criança. Akin nunca me chamou de mãe também. Dá a impressão de que

ele reservou esta fala para um momento especial.

Como hoje.

Mais lágrimas borram minha visão. Tenho que limpar os olhos com os punhos da blusa e, quando volto a enxergar com clareza, assisto a mão de Nico atrelada à pequenina mão de Akin. A pele pálida contra a pele negra. Emocionante o suficiente para me fazer perder o fôlego.

— Sim, ele acordou... — murmuro, encarando o homem que por muito pouco não se foi para sempre.

Ficamos assim, presos pelo olhar, por um tempo que parece infinito. Tanta coisa silenciosa sendo dita, e nenhuma palavra.

Limpo novamente os olhos.

— Bem-vindo de volta... — sussurro.

— É bom estar aqui... — sua voz grossa é fraca, pouco audível, no entanto tão profunda que tem o poder de apressar uma batida no meu já acelerado coração.

Sinto a vida retornar gradativamente ao meu corpo, misturando-se ao sangue que circula em minhas veias.

O médico vem ao quarto para fazer algumas checagens. Ele está otimista e nos dá boas notícias: Aparentemente não houve sequelas severas. Nico está muito fraco, o que é normal. Seus reflexos estão bons, a infecção abandonou seu corpo e o som da respiração em seu

pulmão é satisfatório. Não poderia ser melhor, dadas as circunstâncias.

Permaneço ao seu lado, escutando atentamente a tudo o que o médico tem a dizer. O doutor explica em detalhes as próximas fases da recuperação e se despede, dando-me um beijo no rosto. Tenho passado tanto tempo neste hospital que até criei um vínculo de simpatia por este homem.

Sorrio em agradecimento e o levo até a porta.

Quando me viro para Nico, sou surpreendida por um olhar indiscriminadamente descontente do italiano. Era o que me faltava...

Finjo não perceber e volto a me aproximar.

— Um amigo? — o som rouco quase me faz feliz.

Quase, não fosse a insinuação.

Mas quer saber? É bom vê-lo de “*humor*” recuperado.

— Não, ele não é um amigo. É o médico que cuidou de você nos últimos dois meses, Nicholas — respondo, segurando um sorriso — Como você se sente?

Seu olhar afiado nunca deixa o meu.

— Pra mim, parece que ele está gostando desta função...

Elevo uma sobrancelha, como que dizendo “*É sério*

isso? ”.

Seu peito sobe e desce numa expiração alongada.

— Eu me sinto bem, Sophi.

Encaro-o, mais séria. Eu não deveria tocar neste ponto agora... mas...

— Você se lembra do que aconteceu?

— Sim — assente, baixo, porém firme.

— Por que se atirou na minha frente, Nicholas? Você poderia ter morrido!

Não quero parecer uma ingrata e recriminá-lo, mas eu não consigo deixar de pensar em sua renúncia de viver para me proteger.

Seu olhar captura o meu.

— Se algo acontecesse a você eu seria um homem morto em vida, *bella*. De qualquer jeito eu já estava condenado.

Oh...

Luto para não virar uma chorona e perco. Não consigo evitar a forma quase física com que suas palavras me envolvem. Este é o seu jeito de dizer o quanto me ama, e é impossível ignorar algo desta grandeza.

— Você me salvou, Nico... Obrigada — lágrimas salgadas se misturam à minha saliva.

Sua mão fraca toca meu rosto.

— Não chore, *bella*...

Um soluço escapa da minha garganta.

— Eu senti a sua falta.

Ele sorri, ganhando um tom mais rosado na pele e um novo brilho nos olhos. A mudança é real.

— Eu também senti a sua, Sophi.

NICHOLAS

Vendo-a aqui, sinto que algo está diferente. A experiência de beirar a morte trouxe-me uma nova perspectiva. Eu não posso mais prendê-la comigo. Sophi e Akin são uma família, sei pela maneira como eles se olham. Não há espaço para mim em suas vidas, não mais. Escolhi meus caminhos tortos, da vingança, da raiva, do rancor, e a arrastei para isso.

Eu a amo, *cazzo*, amo tanto que sua voz ao fundo de minha mente foi a única coisa que me manteve vivo. Agarrei-me à esperança de abrir os olhos e vê-la novamente, nem que pela última vez, e foi isso que me trouxe de volta. Entretanto, é hora de permitir que a mulher da minha vida siga em frente sem mim.

Cansado, peço que ela chame Conde para falar

comigo. Tomado de uma nova dor me dilacerando, desta vez não mais física, deixo o sono me levar em seus braços de novo.

Capítulo 11



NICHOLAS

Pisco algumas vezes, adaptando-me à claridade. Ao ajustar a visão, encontro Conde em pé, olhando pela janela.

— Cara, você realmente ficou mais feio com o tempo... — brinco, trabalhando duramente contra a dor na garganta para que a voz saia.

Ele se vira e me encara com o habitual sorriso convencido de merda.

— Bem, não sou eu que não tomo sol há semanas,

fratello — o homem se movimenta até mim — Você deveria checar sua aparência antes de mais nada.

Lanço um olhar entediado.

— É bom ter você de volta, irmão — ele para ao meu lado.

Aceno com a cabeça, confirmando em resposta.

— Eu quero que você faça algo por mim, Ismael.

— O que você precisar, Nico.

Vou falando o que quero e percebendo a mudança em sua expressão. O fodido não aprova, isto é certo.

— Cara, você está cometendo um erro...

— Não. Eu nunca deveria ter feito nada disso, em primeiro lugar.

— Aquela mulher te ama, Nico. Você precisava ver o estado em que ela estava quando pensou que você estava morto, cara... Porra!

Ignoro a maldita dor por ouvir isso.

— Tenho que fazer o que é melhor para ela — afirmo, convicto apenas por fora.

Conde nega.

— Eu te vi na merda, *fratello*. Na *verdadeira* merda. Quando te conheci, você era um fodido, perdido, na lama. Acreditava que a mulher da sua vida tinha te traído, e ainda assim você a amava, sempre foi maluco

por ela. E agora que descobre que não é nada daquilo, irmão, que a vida te dá uma nova chance, é isso o que você vai fazer com ela? — sua cabeça se agita, em negação — É um erro fodido.

— Não, Ismael. É uma decisão.

SOPHIA

Coloco o prato de Akin em sua frente. Depois de alimentá-lo iremos ver Nico. A empolgação do pequeno é tanta, que ele mal cabe em si, e está mais comunicativo do que nunca.

A campainha soa.

Ajeito Akin na cadeira e entrego-lhe a colher.

— Coma tudo, filho. Vou atender a porta e já retorno.

Pela janela ao lado da porta, reconheço o advogado. Espanto-me com sua visita, mas respiro fundo e abro.

— Doutor...

— Sophia... — ele sorri — Posso?

Dou um passo ao lado e permito a sua entrada.

— Eu estou quase de saída, Gregório. Vou ao hospital visitar Nico — aviso, logo de cara.

Seu sorriso se torna amarelado.

— Eu estou aqui a pedido dele.

Estreito meus olhos analisando-o melhor. Sua expressão não me dá uma boa sensação.

— Por quê? — pergunto, calma.

Ele olha por sobre seu ombro, para Akin à mesa.

— Podemos conversar em algum lugar?

— Nós já estamos fazendo isso. Por favor, vá direto ao assunto. O que Nico pediu a você?

Gregório afrouxa o nó da gravata.

— Vamos nos sentar, Sophia, creio que seja melhor.

Respiro fundo, sem me mexer, esperando escutar algo bobo, que vá tirar a ruga se formando em minha testa. E nada.

Indico os sofás. Ele senta e eu faço o mesmo numa poltrona, estando separados pela mesinha central de madeira maciça. Calada, observo-o abrir a valise, retirar alguns documentos e organizá-los à mesa. A caneta dourada é a próxima coisa a sair da pasta do advogado.

Papéis para assinar... Isto só está ficando mais interessante... Meu senso de humor ácido vibra. Os olhos treinados do sujeito vêm para mim.

— Este documento, Sophia, é a anulação do

casamento — ele gira a folha na mesa, deslizando para que eu visualize — Nicholas já assinou. Só preciso da sua assinatura e estará feito.

Devo estar sofrendo de um sério caso de paralisia facial. Não consigo abrir a boca. Meus ouvidos recebem suas palavras em ecos.

— Mas...

Ele aponta outro documento.

— E esta é a transferência da guarda definitiva de Akin para você. Nico está renunciando à criança.

Minha boca se abre e não consigo processar uma frase sequer.

— Os bens permanecem em seu nome, incluindo esta casa.

Deixo minhas costas caírem no encosto da poltrona, em choque, temendo não sustentar meu corpo.

Nego-me a acreditar nesta besteira.

— Vocês só podem estar brincando... — gesticulo com a mão — Isso deve ser alguma piada... Justamente agora que... — paro de falar e semicerro os olhos — Isto aí — aponto para os papéis — tem ao menos validade legal? Quero dizer, um homem que acabou de sair do coma pode mesmo assinar documentos com decisões tão importantes?

Não me reconheço neste momento. Estou surpresa,

em choque, irritada, indignada e confusa. Nico quer se separar de mim *logo agora*?

O que isso significa? Ele teve algum tipo de lapso e decidiu que quer voltar a ser livre e viver intensamente, sem a mulher e criança que ele perturbou tanto para ter?

Ora essa...

— Este documento foi registrado diante de um oficial do cartório, Sophia. Duas testemunhas assinaram, embasando e conferindo validade jurídica.

Dou uma risada baixa, de tão nervosa.

— O coma afetou a cabeça dele, só pode.

Percebo a maneira como Gregório me analisa, com curiosidade indiscreta.

— Desculpe o que vou dizer, mas eu não estou entendendo a sua reação. Há menos de três meses a proposta de casamento a deixou ultrajada, confesso que até me penalizei pela maneira como estava contrariada com a união... — seu rosto se inclina meio de lado, com mais atenção — Agora ele está te deixando livre, o que há de errado? Não era isso o que queria?

Os questionamentos me pegam desprevenida. Ele tem razão neste aspecto, não tem?

Deslizo as mãos pela calça e me preparo para levantar. Seja o que for esta reação, só há uma pessoa que merece respostas, e também deve esclarecer algumas

coisas.

— Olhe, eu não vou assinar nada até ter falado com ele. Vocês são como cascavéis à espera do bote. Se Nicholas quer o divórcio, ele que me peça pessoalmente — levanto-me — Acho que terminamos por aqui, doutor.

Sem contestar, o advogado recolhe os malditos papéis e se endireita para sair, não sem antes me lançar um olhar de piedade. Em sua cabeça, deve estar pensando que a pobre mulher aqui é somente um boneco manipulado por Nicholas Salvatore.

Talvez eu seja mesmo.

Levo-o até a porta e me viro para Akin, alimentando-se distraído. Eu tenho que falar com Nico. Preciso esclarecer tudo imediatamente, e acho que não seria prudente levar a criança.

Ando de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Não tenho nenhum familiar...

Mas tenho um bom amigo.

Pego o celular dentro da bolsa e ligo para a única pessoa no mundo que sempre estive lá quando eu precisei.

— Sophi... — ele atende no segundo toque — Como você está?

Dominic sempre foi assim comigo.

Respiro fundo para não o alarmar.

— Dom, eu preciso de um favor, mas não sei bem como pedir.

— Diga-me e eu farei.

E eu peço se posso deixar Akin por algumas horas com ele e sua noiva. Ele me diz que vai adorar e combinamos de eu passar no novo endereço deles.

Ando pelos corredores do hospital e, quanto mais próxima da porta do quarto dele, mais os sentimentos se afloram. Então Nico quer se livrar de mim? Simples assim. Ele volta à minha vida, revira meu mundo de ponta cabeça, me leva para o inferno temendo por sua morte e muda de ideia, seguindo em frente sem nem se dar ao trabalho de comunicar a decisão pessoalmente.

Muito justo.

Diante da porta fechada, não bato, apenas entro, oferecendo-lhe a mesma cortesia que dispensou a mim, de não avisar nada, apenas atropelar as pessoas sem nenhuma consideração.

Assim que estou dentro, tenho que recuar um passo.

Nicholas está sentado na cama, vestido com a calça do hospital, o peito nu sob a pouca luz e o cabelo desganhado de um jeito insuportavelmente atraente. Droga, mesmo mais magro, ainda é possível visualizar os contornos dos músculos em seu peito.

A sua frente, uma enfermeira mexe delicadamente nas ataduras... “*Delicadamente*” demais, eu diria. As mãos dela tocam o peito com um tipo *não profissional* de contato. Os olhos da mulher, ávidos, descaradamente insinuando-se, enquanto sua maldita língua passeia pelos próprios lábios, umedecendo-os.

Somente sendo cego para não enxergar o que ela está tentando fazer.

Nico, por sua vez mantém o rosto de lado, olhos fixos ao chão, parecendo, sei lá, distante.

Limpo a minha garganta e tenho a atenção de ambos. A mulher pula no lugar. Pega de surpresa, mal esconde um olhar venenoso.

Já Nico me encara com a familiar intensidade, embora seus olhos vazios pareçam quebrados. Quase posso tocar a dor neles. Não compreendo.

— A senhora é...? — a sonsa ainda tenta parecer agradável.

— A esposa dele — não tiro meus olhos dos de Nico enquanto respondo.

Pela visão periférica, capto a contrariedade na boa enfermeira.

— Desculpe, mas a senhora não pode permanecer aqui. O horário de visitas acabou e estou trocando os curativos do paciente.

Aproximo-me mais deles, entrando de vez no quarto.

A sensação de que minha língua vai ganhar vida própria começa a se manifestar. No passado, eu fui doente de ciúmes por ele. Achei que isso tinha morrido; pelo jeito, não.

— Pois você, enfermeira, é que pode ir. Eu mesmo termino seu trabalho. E acho que não será tão difícil, não é mesmo? — dou-lhe um olhar de entendimento.

As bochechas da mulher se tornam rubras.

— Eu sinto muito, mas isso não será possível...

Interrompo-a.

— Bem, vamos ver o que Rodrigo acha — menciono o nome do médico, sem nenhuma tentativa de esconder meu descontentamento com seu tipo de trabalho.

— *Rodrigo?* — desta vez é Nico que abre a boca.

A voz rouca, baixa, contém uma estranha vibração ao enfatizar o nome do doutor.

Tiro meus olhos dela e o encaro.

— Sim, seu médico — esclareço, em um fiapo de controle.

Observo sua mandíbula flexionar, parecendo tão irritado quanto eu.

— Eu sei quem ele é. Só não sabia que vocês já se

tratam pelo primeiro nome.

Ah sim, agora está muito bom. Ele ainda se dá ao trabalho de parecer com ciúmes, depois de me pedir a separação. *Inacreditável*.

— E então — viro-me de volta a ela — Como será?

Os olhos da moça lançam chamas por baixo do rímel exagerado.

— Os materiais estão aqui, senhora. Se precisar de ajuda, por favor, chame — a resposta é seca.

Deixando os itens sobre a cama, ela se afasta, pisando duro. *Pff, espertalhona*.

Sem mais uma palavra, visto as luvas.

Fico em frente a ele.

— Então você e *Rodrigo* — ele cospe o nome — são íntimos...

Respiro fundo e retiro um dos esparadrapos colados à sua pele num único puxão. Um grunhido quase inaudível é a reação dele. Seu lábio se contrai numa linha fina, provavelmente de dor.

— Não, *Rodrigo* e eu não somos porcaria nenhuma. Não tanto quanto você e a *boa* enfermeira.

Nico arqueia uma sobrancelha, com raiva e humor, como se a mistura fosse possível.

Puxo outra fita, descolando-a de uma vez.

— Ai... — ele geme baixo.

— Por que quer se separar de mim?

Um segundo de silêncio, seus olhos cravados em meu rosto.

— Não quero me separar de você — Nico soa cru, rouco e penetrante.

Puxo mais um adesivo. Seu peito se retrai... e me sinto *vagamente* culpada por lhe causar dor deliberadamente.

— Não foi o que aqueles papéis disseram — acuso.

— Eu quero que você seja livre.

Interrompo a minha atividade e encaro seus olhos cinzas.

— Todo o trabalho que você teve para me amarrar a este casamento e agora quer me deixar livre. Me parece um tanto estranho.

Descolo novamente outro esparadrapo, sem nenhum cuidado.

A dor física se mistura com outra coisa em sua íris. Decido parar a sessão de enfermeira má.

Ele desvia o rosto.

— Estou te dando o que você quer, Sophi. Não vou mais te obrigar a permanecer ao meu lado.

NICHOLAS

Suas narinas se dilatam, irritada. Não sei se é pela atitude da enfermeira ou pela decisão que tomei. A mínima possibilidade dela se importar com o meu pedido de anulação do casamento abala minhas estruturas de uma maneira muito forte.

— Você diz isso agora, Nicholas. E quem garante que depois não vai mudar de ideia e me chantagear novamente?

Sua mão vem pronta para me torturar mais uma vez. Apanho seu pulso no caminho, de um jeito suave, roçando meu polegar em sua pele.

— Me machucar trocando estas ataduras, *bella*, não é nada comparado à dor pelo que estou fazendo... acredite, desta vez é para o seu bem. Você está livre deste casamento.

Em seus olhos, eu vejo que isso a fere.

Cazzo!

— E se eu não quiser a liberdade? E se eu quiser tentar um recomeço?

Engulo com dificuldade. Meu ritmo cardíaco beira o caos.

— Eu vou te dizer que eu não mereço, apesar de querer isso mais do que eu quero qualquer outra coisa no mundo, Sophi.

— Se você diz que me ama desse jeito, por que desistir agora?

Toco seu queixo, captando a tentativa de virar o rosto. Eu quero que Sophia olhe dentro dos meus olhos e nunca mais ouse colocar o maldito condicional “*se*” e colocar em dúvida o quanto a amo.

— Eu não “*digo*”, Sophia. Eu amo. Amo e sempre vou amar.

Lágrimas não derramadas inundam seus olhos negros. Inferno, sinto as minhas próprias atrapalharem a visão.

— Então fique comigo, Nico...

Pisco e as malditas lágrimas já correm livres, sem que eu tenha qualquer controle.

— Por Deus, mulher, você quer me matar, só pode.

Contra tudo o que eu esperava dela, Sophia é a única a tomar a iniciativa. Recebo seu beijo com deleite. A língua entra açucarada com o doce natural de sua boca. Sua mão macia apoia-se no meu ombro, cuidadosa, como se tivesse medo de eu estar prestes a quebrar.

Foda-se a dor.

Utilizo toda a minha reserva de energia e a puxo

para mim, aninhando-a entre as minhas pernas. Ficamos assim, nós dois, eu sentado na maldita cama e ela em pé, colada a mim. Meu pau vem imediatamente à vida, glorioso. *Porra*, tão duro que até dói.

Epílogo



NICHOLAS

Já se passou um mês desde que nos reconciliamos. Hoje, eu finalmente recebi alta do hospital e estou em casa.

Sentado no sofá, assisto à Sophi preparar o jantar. Sua pele brilhando, os olhos iluminados e um pequeno sorriso que nunca deixa seu lábio.

Aos meus pés, vejo nosso filho – *cazzo*, como é bom dizer isto – brincando e perguntando-me coisas, curioso tal qual uma criança de sua idade.

Neste momento, a realidade me pega de jeito: isso era *exatamente* o que eu sonhava quando a conheci. Construir um lar com Sophi foi a única coisa que desejei no mundo, antes de minha família nos enlamear com sua sujeira. Hoje é como se o bom *Dio estivesse* nos oferecendo uma nova oportunidade, um tipo de compensação por toda a dor dos últimos anos.

Pego o olhar dela em mim e, por um instante, nossas almas se conectam. Posso afirmar que dividimos o mesmo pensamento.

Deixo meu olhar cair maliciosamente pelo seu corpo. Porra, já faz tanto tempo desde que fizemos amor. Meu pau está num doloroso caso de abstinência, ansiando por ela.

Sophi sorri, de lado, mordendo seu lábio.

Sim... Agora é certo que estamos pensando na mesma coisa.

Entro na banheira morna, com o cheiro gostoso do banho que ela organizou. Meu corpo, apesar de mais cansado, está recuperado em comparação há um mês antes. Ter Sophia ao meu lado fez toda a diferença. Fico me perguntando onde raios eu estava com a cabeça quando pensei em anular o casamento.

Como sempre, *bella* tinha razão: se tivéssemos nos

separado eu teria me arrependido e estaria indo atrás dela neste instante. Ao invés disso, graças à sua determinação, estou aqui, com a água morna me cercando, assistindo minha mulher caminhar até mim, deixando seu roupão de seda branco deslizar pelo seu corpo nu.

Cazzo!

A visão é o céu na terra. Há *anos* eu não a vejo nua.

E, maldição, a mulher está ainda mais linda.

Seus contornos ganharam mais volume, os seios empinados ostentam mamilos marrons tão apetitosos que minha boca saliva pela necessidade de tomá-los. Os músculos de seu ventre magro fazem um caminho até o monte depilado, sustentando apenas uma linha fina de pelos que direcionam ao meu paraíso pessoal.

Seus olhos escurecidos estão nos meus, esperando minha avaliação.

— *Bella*, esta é a imagem mais linda de todas...
Dio mio, como senti a sua falta...

— Eu também senti muito a sua, Nico. Todos os dias.

Por sua voz abafada, vejo que ela está tão afetada quanto eu.

Não quero ter de pensar nisso, mas a ideia de outro homem possuindo seu corpo — que durante anos foi somente meu — em nosso tempo separado, põe a minha

racionalidade em cheque. Sinto-me selvagemmente territorial em se tratando dela, e sei que Sophi se sente da mesma forma comigo. Vi a marcação cerrada que ela estabeleceu em cima das enfermeiras.

Minha *bella* solta seus cabelos cacheados e eles caem livres, esparramando-se sobre seus ombros, roçando os mamilos.

— Esperei muito tempo por isso, Nicholas Salvatore — o tom de ameaça me faz rir em antecipação.

Meu pau duro aponta fora da espuma, dando-lhe os indícios do quanto a quero. Sophi lambe os lábios, gananciosa, e caminha para dentro da banheira comigo.

Não determino como isso acontecerá, ainda não. Apenas a deixo fazer sua jogada.

Delicada, Sophi aconchega as pernas de cada lado de mim, prendendo-me em seu olhar, sem desviar ou piscar, e exibindo suas intenções. Ao encontrar meu topo rígido, encaixa-se nele e, vagarosamente, como uma tortura, faz seu caminho até a base. Sentada em mim, permite que eu me afunde lentamente dentro dela.

— Porra... — gemo baixo com a sensação.

A melhor do mundo. Não há dúvidas.

Ela me olha com preocupação, parando na metade do caminho, com receio de me machucar.

Foda-se.

Seguro seus quadris com as duas mãos e a pressiono até o fim. Sento Sophia em mim e, por muito pouco, não gozo.

Nossos gemidos se misturam.

— Nico... — sua fala é entrecortada por um sussurro — Eu não quero te machucar...

Beijo o contorno de seu ombro.

— Mais doloroso do que eu estou por você, *bella*, é impossível ficar.

Pra ela isso é um sinal verde: sobe e desce, iniciando uma cavalgada que me faz cerrar os dentes em busca de autocontrole, em especial quando seus seios estão em causa, esfregando-se contra mim.

Apanho um deles, lambo o bico intumescido até onde suporto e depois dou a mesma atenção ao outro. Quando sei que ela está prestes a explodir, afasto a fina membrana encobrendo seu ponto de prazer e esfrego meu dedo polegar ali. Basta isso para que ela uive baixo em meus braços.

Gozo junto, intenso como nunca antes em toda a minha vida. Este tem sabor de vitória, de quem tem a certeza de que demos fim a todo o mal e o futuro é só nosso. Ninguém poderá interferir. Essa mulher é minha para sempre.

Sua testa suada descansa sobre o meu rosto,

ofegante.

— Eu te amo, Nico.

Travo.

Seguro seu rosto em minhas mãos e a obrigo a me encarar.

O que foi que ela disse?

— Repete — exijo, animalesco.

Ela sorri amplamente.

— Eu te amo, Nicholas Salvatore.

Meu batimento cardíaco supera seu próprio recorde.

— Porra, Sophi... Esperei anos para ouvir isto novamente.

Ela toca meu lábio.

— Pois eu te digo que sempre te amei, amo muito e vou continuar amando. *Eu amo você, Nico.* Amo, amo, amo.

Com forças que nem sabia ter recuperado, me levanto com ela em meu colo e a levo para o quarto. Em nossa cama, me afundo em minha mulher mais uma vez, e outra, e outra, e outra, quantas vezes forem necessárias para obter tudo o que me causou tanta saudade, até beirar os limites da exaustão.

Quando Sophia finalmente rola para o lado, suada e satisfeita, eu decido que é hora de dar a ela o que sempre

lhe pertenceu.

— *Bella...* — chamo-a para que não caia no sono.
Ainda não — Olhe para mim.

Ela o faz, os olhos pesados, cansada.

— Fique aqui por um instante... — enrolo o lençol em minha cintura e ando para a porta.

Ouçó seu bocejo e me viro mais uma vez para ter certeza de que ela não adormecerá.

— Espere-me acordada.

SOPHIA

A última frase me faz despertar imediatamente. "*Espere-me acordada*". Foi exatamente isso que ele me disse antes de tudo virar o inferno na terra há alguns anos. Não, aquilo não pode acontecer de novo. Esta frase não tem esse poder. *Nada vai acontecer*, repito mentalmente, querendo apaziguar meu coração.

Antes que eu entre em modo de surto, ele retorna. O tom cinza de suas íris agora está escuro, e sua postura é de ansiedade e apreensão.

Nico se ajoelha ao lado da cama e eu me sento, alarmada.

Não...

Levo a mão ao peito, querendo acalmar meu coração, subitamente insano com que há em sua palma.

— Comprei este anel assim que descobrimos a sua gravidez. Gostaria de feito algo especial naquela época. Na verdade, eu tinha tudo planejado para fazer, Sophi, mas o destino nos pregou uma peça... Nunca me desfiz dele porque, no fundo, eu tinha esperanças de um dia o colocar em seu dedo. Do contrário, ele jamais pertenceria a outra pessoa. Tinha de ser você.

— Nico... — tapo minha boca para não me desmanchar em lágrimas.

A joia é cravejada de brilhantes, com um coração perfurado ao centro. Linda, única, impressionante.

— Case-se comigo pra valer, *bella*, seja minha mulher. Em troca, eu prometo, pela minha vida, nunca mais desapontá-la. Você terá todo o meu amor e devoção, enquanto eu viver.

Respiro fundo, pronta para pular em seus braços e gritar “sim” milhões de vezes, no entanto, acalmo meu ser, toco seu rosto, e deixo que ele veja a honestidade no que vou dizer.

— Eu já sou sua, Nicholas. Sou sua desde a primeira vez em que te vi entrando na lanchonete. Naquele dia, soube que minha vida mudaria para sempre. Um vento

fresco soprou e tocou meu coração e eu *simplesmente soube*.

Essa é a mais pura e simples verdade.

Nunca tive família ou sequer um lar, vivi de abrigo em abrigo. Porém, no segundo em que eu vi seus olhos, cinzas como o céu em dias nublados, tive, pela primeira vez, a sensação de encontrar meu lugar no mundo.

Meu lar.

Nico é a minha casa, aonde quer que estejamos, e para sempre será.

Agora, tenho uma família. Sinto-me completa.

Akin, Nicholas e eu, somos uma família.

Fim

Agradecimentos

A todos os profissionais envolvidos na finalização desta história. A linda revisora Kátia Regina Souza que me entregou ricas lições. A Denília Carneiro, por ser, além de profissional, uma grande amiga.

Agradeço a Jhenifer Barroca pela amizade, por me ouvir, pelos conselhos e risadas. Muito obrigada amiga, eu te amo.

As pimentinhas pela cumplicidade, carinho, apoio, risadas e conhecimento.

A todos que, de alguma forma, fazem parte de meu dia-a-dia, leitores, autores, amigos. Aprendo muito com todos vocês.

E principalmente aos leitores por me acompanharem e confiarem no meu trabalho.

Sobre a próxima publicação

*Conheceremos Damien, o segundo livro da
trilogia Protetores.*

SINOPSE

Não se pode quebrar o que já está quebrado, não é? Para Jasmine, que só conheceu o pior das pessoas que passaram por sua vida, está é uma importante lição aprendida.

O destino obrigou Jas a procurar proteção na casa de Damien. Um homem arrogante, que odeia tudo o que ela representa... e se vê odiando ainda mais os sentimentos que a menina desperta nele.

Para Damien todos têm uma escolha. O que ele não

sabe é que Jasmine não teve uma. E quando ele descobrir que nem tudo é o que parece, talvez não encontre um caminho tão fácil para o coração dela.

DAMIEN, o segundo da trilogia Protetores, diferentemente de seu irmão DOM, não tem nenhuma vocação para cuidar de quem quer que seja, a não ser a si mesmo e seus desejos egoístas. No entanto quando seu instinto falar mais alto, ele não medirá esforços para proteger aquela a quem ama.

Preparados? Que comece a caça à raposinha!

Recadinho da Autora

Gostou desta história? Se sim, ajude-me a levar Nicholas e Sophia para que mais pessoas os conheçam. Compartilhe com um amigo, indique a história, publique sobre ela em suas redes sociais... e se puder me siga em minhas redes sociais:

Instagram: @Anne.Marck

Grupo no Facebook: Romances Anne Marck

Página no Facebook: Anne Marck

Twitter: @AnneMarck